

## RESSONÂNCIAS DA INTERPRETAÇÃO LACANIANA

### Ressonância

Fenômeno pelo qual um corpo oscila quando o atingem vibrações produzidas por outro. Designa igualmente a tendência de um sistema a oscilar em máxima amplitude em certas frequências, conhecido como 'frequências ressonantes'. Nessas frequências, até mesmo forças periódicas pequenas podem produzir vibrações de grande amplitude, pois o sistema armazena energia vibracional.

[Anorexia](#)

[Desejo](#)

[Desejo do Analista](#)

[Destino](#)

[Discurso](#)

[Falo](#)

[História](#)

[Poesia](#)

[Retificação](#)

[Sonho](#)

[Subtração](#)

[Sujeito](#)

[Superfície](#)

[Vazio](#)

[Witz](#)

## Pequeno apanhado de usos do termo *ressonância* por Lacan Maritza Garcia

Lacan usa muito essa palavra ressonância (*résonance*, em francês). A cada Seminário, encontrei uma média de 8 referências ao termo. Então, fiz uma pequena seleção que talvez possa servir como introdução ao tema...

## Função e campo – as ressonâncias do vazio

Pequeno apanhado de citações do texto  
[Função e Campo](#) da *linguagem e da fala na experiência analítica*.

### Discurso

Renata Martinez

“Eis-nos, pois acudados contra o muro, contra o muro da linguagem. Estamos em nosso lugar, isto é do mesmo lado que o paciente e é nesse muro que tentaremos responder ao eco de sua fala (...). Para além deste muro, não há nada que não seja para nós, trevas exteriores (317)”.

O analista deve estar do mesmo lado que o paciente, escutar o que ele lhe diz e não cair na armadilha de perseguir o que está por trás. É a partir do discurso do paciente que o analista se situa e intervém, elegendo a que “parte” do falado se dirige seu ouvido. Esse será o corte que livra o analista de encontrar-se acudado contra o muro, sua resposta ao que ecoa dos ditos do paciente poderá imprimir um novo rumo, um novo sentido, uma abertura que retira também o sujeito da posição de entocado, acudado contra o muro. Quando a interpretação “rompe o discurso para parir a fala” (317), por um momento, analista e analisando se libertam desta posição, para a ela retornar logo em seguida.

[\(texto completo\)](#)

### Destino

Celina Guimarães

“A colocação do acontecimento em palavras elimina o sintoma (...). Quanto a nós, diremos que o sujeito não apenas narrou o acontecimento, ele o verbalizou (...) ele o fez passar para o verbo, ou, mais precisamente, para o *epos* onde relaciona com o momento presente as origens de sua pessoa. A recitação do *epos*, se é encenada o é num palco que implica não somente a presença de um coro, como também dos espectadores.”

Na análise, o discurso coloca em cena, na presença do Outro, os acontecimentos que produziram viradas na vida do sujeito, possibilitando-lhe reconstruir a verdade que essas viradas introduzem na sua história. A verdade do desejo se manifesta pelas frestas que o sintoma, os lapsos, os sonhos e as fantasias lhe dão acesso. Seu desvelamento na análise cria uma abertura para o sujeito se haver com aquilo que particulariza o seu modo de gozo, particularidade esta, estruturada pelo corpo libidinal e suas pulsões. Isso é possível pela via da interpretação. A interpretação analítica desarticula o destino, na medida em que reintroduz pela linguagem - ali onde pesava o destino com um sentido cristalizado e fixo - a equivocação.

[\(texto completo\)](#)

## História

Isabel Barros

“O que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história – ou seja, nós o ajudamos a perfazer a historicização atual dos fatos que já determinaram em sua existência um certo número de “reviravoltas” históricas. Mas, se eles tiveram esse papel, já foi como fatos históricos, isto é, como reconhecidos num certo sentido ou censurados numa certa ordem”. (LACAN, “Função e campo da fala e da linguagem”, pág. 263)

A “verbalização”, neste texto, diferencia-se da hipnose ou da conscientização e aproxima-se da interpretação. Há nela o pressuposto de uma linha do tempo bastante distinta da convencional, que exclui a lógica linear de causa e efeito. A historicização atual feita em análise retoma a história justamente através de suas reviravoltas. Esses pontos de encruzilhada do sujeito só existem como fatos já históricos, nada “puros” ou originais. A fantasia construída em análise pode costurá-los a partir de seus dois aspectos: o de reconhecimento – as lembranças – e o de censura – o que resta como não dito. As marcas que retornam em análise destas reviravoltas não são um resgate de fatos que aconteceram em um passado finito, uma vez que são enquadradas pela fantasia. São, na verdade, construções no presente que elaboram o passado e vão ter função no futuro, sem uma divisão cronológica entre os três tempos.

[\(texto completo\)](#)

## Vazio

Rodrigo Lyra

“Não há fala sem resposta, mesmo que ela se depare apenas com o silêncio, desde que tenha um ouvinte. É esse o cerne da função da fala na análise. Se o analista ignorá-lo, só fará experimentar mais fortemente seu apelo e - apesar de ser o vazio que nela se faz ouvir inicialmente - em si ele o experimentará. Para além da fala, então, irá buscar uma realidade que preencha este vazio (249, tradução modificada).”

Ao afirmar que “não há fala sem resposta”, Lacan evita que o ato de responder seja entendido como um ato facultativo do psicanalista, uma possibilidade ao seu alcance, que ele pode conceder ou recusar. Parte-se do princípio – clínico e teórico – de que na fala analisante há um vazio. Mas não se trata apenas de um empobrecimento do texto, de uma falta-a-ser, e sim de um vazio que apela, que faz apelo. Creio que existe uma diferença entre a sensação genérica de que a fala é precária (falta) e aquele vazio específico a uma fala que “quase” diz a verdade que buscamos (presença). O silêncio do analista, a meu ver, pode servir tanto para apontar para esse segundo vazio/presença, quanto para permitir, com sua presença de analista, que esses cacós de vazio/presença se articulem, através de um trabalho que somente o analisante pode fazer, desde que o analista não “experimente em si” o vazio como obrigação de responder.

[\(texto completo\)](#)

## Zen

Cristina Frederico

"A suspensão da sessão não pode deixar de ser experimentada pelo sujeito como uma pontuação em seu progresso" (p.314). "A interpretação só rompe o discurso para parir a fala" (317)

Na técnica Zen se trabalha com o imprevisto, com o efeito surpresa que se segue a uma espera. Trata-se da formulação de um problema em que a resposta não tem conexão lógica com a pergunta, e instaura naquele que pergunta um vazio enigmático de sentido, um vazio que ressoa e que é inerente ao próprio discurso. Neste ponto a técnica Zen diz algo do corte analítico, desde que não pretenda se chegar ao extremo da experiência enigmática em que um significante não se remeta ao outro, deixando o sujeito em um estado de perplexidade, sem que depois possa vir a parir a fala.

[\(texto completo\)](#)

## Witz

Mariana Mollica

"A pontuação colocada fixa o sentido, sua mudança o transforma ou transtorna e errada equivale a alterá-lo (pg 314-315)".

A ênfase que o vazio de sentido ganha no corte lacaniano é produzida por pelo menos três aspectos do significante: sua ação *nachträglich* (a compreensão de uma frase ou de uma história é dada pelo ultimo termo pronunciado), seu efeito de transformação do sentido fixado (cifrado e decifrado) pelo inconsciente é produzido na leitura do analista ao pontuar o "texto" do analisante; e sua curiosa capacidade de subversão entre os lugares de sujeito e objeto quando a interpretação analítica parte de sua ressonância. Assim como o *Witz* a interpretação coloca em primeiro plano o gozo do sujeito enquanto objeto, por meio da ressonância fonemática recolhida pelo Outro e produzindo algo inédito no sujeito.

[\(texto completo\)](#)

## **A direção do tratamento – O desejo e sua interpretação: um nada que faz toda a diferença**

### Desejo

Cristina Bezerril

"A interpretação apoiada na falta-a-ser designa "o ponto-de-falta do sujeito que deve se fazer na fala" (Miller, Silet, p. 36-7).

Uma teoria que inclua a falta não anda sem que a interpretação se inscreva como indeterminação, formando o nó do ininterpretável. O dedo erguido de São João de que Lacan se serve para situar a "virtude alusiva" da interpretação, daquilo que não se pode dizer, mas

que não diz exatamente de um se calar, e sim de uma ética de bem dizer, de dizer de través o que se lê nas entrelinhas do desejo que escapa. A escuta como condição da fala desenha um lugar vazio de significação que o analista encarna com sua presença, com seu silêncio.

[\(texto completo\)](#)

## Sonho

Cristina Bezerril

O sonho, como metáfora, abre uma “certa passagem do sujeito ao sentido do desejo” (Lacan, J. “A direção do tratamento e os princípios do seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 628).

Sobre o sonho da bela açougueira, Lacan escreve, como significante do desejo insatisfeito, o caviar, como metáfora da demanda. E como significante do desejo do Outro, o salmão, este o S de A barrado, o significante do desejo ... o lugar ocupado por outra mulher, que como ele bem pontua, basta o elogio do marido para que ela lhe roube o lugar da amada. “É nessa questão que se transforma o sujeito aqui mesmo. Com o que a mulher se identifica com o homem ...” (632) e perde-se a trilha que a permitiria chegar ao consentimento de sua condição feminina.

[\(texto completo\)](#)

## Anorexia

Marícia Ciscato

Se nesta articulação, no entanto, o que surge não é a falta, o que o Outro não tem, mas o esforço de fazer coincidir necessidade e demanda, empanturrando, por exemplo, a criança com “a papinha sufocante daquilo que se tem”, ou seja confundindo “os cuidados com o dom do amor”, o que surge aí é a resposta da criança como anorexia. A recusa da criança surge como uma possibilidade para abrir a dimensão do desejo (...). Para Lacan, o que importa não é o fato de o paciente não roubar, mas o fato de o paciente **roubar nada**. “Era isso que era preciso fazê-lo ouvir”. O paciente se apresenta em sua fantasia de comestível, “anorexia mental”, diz Lacan. No ponto 10 da parte V, como vimos, Lacan faz uso desse termo “**anorexia mental**”: a recusa como a busca de abrir caminho para o desejo. É no que demanda, no que articula a cadeia significante, que o sujeito faz aparecer a falta-a-ser. Não apenas no que nele falta e que apela receber do Outro, mas também porque é no ponto de falta do Outro que isso chega. Neste sentido, se como resposta à demanda é o amor que vem, ele vem como aquilo que o Outro não tem para dar.

[\(texto completo\)](#)

## Retificação

Marícia Ciscato

Freud “começa por introduzir o paciente numa primeira localização de sua posição no real, mesmo que este acarrete uma precipitação dos sintomas”.

Lacan destaca que a interpretação em Freud é tão audaciosa que, por havê-la vulgarizado, perdemos de vista o caráter quase de “adivinhação” que ela possui (603). O acesso a esse material só foi aberto por uma interpretação em que Freud “presumiu uma interdição que o pai do Homem dos Ratos teria imposto com relação à legitimação do amor sublime” ao qual o paciente se devotou (603). Acredito que, aqui, Lacan está equivalendo retificação à interpretação. Essa outra cena que se abre precisa ser pensada com cuidado, para não correremos o risco de alienar o sujeito aí. É preciso lembrar que o desejo é aquilo que se localiza apenas por alusão, deslizando na cadeia. É o que há de negativo, muito mais próximo do silêncio do que o que se pode positiva na fala. O desejo está entre as duas linhas do grafo, entre o ódio e o amor ao pai. Para Lacan, essa interpretação de Freud, com caráter de “adivinhação, foi “inexata, mas verdadeira”.

[\(texto completo\)](#)

## Superfície

Mariana Mollica

“é na superfície que a profundidade é visível como herpes em dia de festa a florescer no rosto”

Contraopondo-se a idéia de atingir o profundo através da superfície Lacan retoma a retificação subjetiva de Freud afirmando que ela é dialética, justificando que trabalhar na superfície não é ser superficial, como aponta a metáfora: “é na superfície que a profundidade é visível como herpes em dia de festa a florescer no rosto” (Ibidem, 608). Vejamos num pequeno fragmento clínico como os efeitos de abertura para o trabalho analítico são obtidos a partir da interpretação que incidi no significante a partir do corte.

[\(texto completo\)](#)

## Falo

Magda Delecave

“Aqui, é única a oportunidade para mostrar a figura que enunciamos nestes termos: que o desejo inconsciente é o desejo do Outro” (638).

No texto “A Direção do Tratamento” o sonho que a amante do paciente de Lacan tem e conta para ele é eficaz porque vai ao encontro do desejo e não da demanda (que tinha sido a de que ela fosse para cama com outro homem, já que ele está impotente). Em seu sonho a mulher tem um falo, mas também vagina e, principalmente, desejo de ser penetrada por este falo. Penso que apresenta-se assim o falo em sua dimensão simbólica, como significante da falta, distinto do falo imaginário a que o sujeito se achava remetido, desejando sê-lo e se recusando a este desejo impossível, para assim reafirmá-lo. Lacan coloca que não é a mulher apresentar-se tendo o falo o que conta para seu efeito. O homem recupera sua potência imediatamente porque, para ela, tê-lo não faz com que ela o deseje menos. Desse modo ela não o tem e dele deseja receber. Sustenta a presença de uma ausência, incluindo sua falta-a-ser, sempre alhures, impossível de ser apreendida, inclusive por ela mesma.

[\(texto completo\)](#)

## Sujeito

Flávia Brasil

“O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta.”

A causa introduzida no sujeito é diferente da causa do sujeito. Pequena nuance que prepara o lugar do objeto causa. A alienação é a operação pela qual a causa se introduz no sujeito, fazendo com que ele só apareça na divisão, pois se de um lado ele aparece como sentido, do outro aparece também como *fading*, como presença de uma ausência, ou seja, surge sempre decepado. Essa amputação é o que Lacan chama de “fator letal” no *Seminário 11*, dizendo que isso é essencial no *vel* alientante. Com o termo “causa” talvez possamos já pensar no objeto a, objeto causa, de ele irá tratar na separação. A interpretação visa essa causa no sujeito, articulando sua constituição (causa do sujeito) com a presença da causa em sua vida (causa no sujeito). Ela não visa o sentido porque esse é um processo infundável, mas sim a redução dos significantes ao seu não-senso, o que possibilitaria a busca dos determinantes do sujeito e destes à sua causa. Pensei numa operação que vai na direção inversa a da cadeia signifiante: ao invés da direção que leva ao sentido, que promove a *afânise*, iríamos em direção às marcas do que se apagou.

[\(texto completo\)](#)

## Desejo do analista

Adriano Aguiar

“Se o amor é dar o que não se tem, é verdade que o sujeito possa esperar que isso lhe seja dado, uma vez que o psicanalista nada mais tem a lhe dar. Mas nem mesmo esse nada ele lhe dá, e é bom que seja assim (...) o analista no entanto dá sua presença, mas (...) ela é apenas implicação de sua escuta, e que esta é apenas condição da fala” (624)

Lacan indica que a questão do ser do analista apareceu desde cedo na história da psicanálise, inicialmente com Ferenczi. Depois, com a escola inglesa ela teria sido melhor articulada, na medida em que esta soube, segundo Lacan, “distinguir da relação interhumana, de seu calor e seus engodos, a relação com o Outro, onde o ser encontra seu status”. No entanto, a forma que esta questão tomou na escola Inglesa levou à definição do final da análise através da identificação do sujeito com o analista. Segundo Lacan isto acontece porque “a dialética dos objetos fantasísticos promovida na prática por Melanie Klein tende a se traduzir, na teoria, em termos de identificação.” Estaria já aí um vestígio da concepção posterior de Lacan em que o analista ocupa a posição do objeto e não do Outro? O que ele vai desenvolver sobre o desejo do analista, muito indiretamente, vem depois, ao dizer que a associação livre não é nada livre e que o analista com sua presença, ao não responder à demanda, faz com que todo o passado se entreabra, fazendo aparecer os significantes fundamentais da história do sujeito.

[\(texto completo\)](#)

## E além...

### Subtração

Andréa Vilanova

"A palavra, com efeito, é um dom de linguagem e a linguagem não é imaterial. Ela é sutil, mas é corpo."

Lacan já em "Função e Campo" nos apresenta as coordenadas fundamentais do lugar dado ao corpo na prática psicanalítica. A linguagem faz corpo através da incorporação significativa que, na mesma medida em que cadaveriza, negativiza a carne, vivifica o corpo erógeno, o corpo do ser falante. Trata-se, portanto, de uma operação de subtração que evidencia a presença de um corpo em desvio, avesso a uma redução biológico-funcional. Deste traçado do significante sobre a superfície corporal, depreende-se a gramática pulsional onde a dialética do sujeito com o campo do Outro se decanta. A palavra veicula o próprio sujeito e enquanto um produto epistêmico, este sujeito não vem sem sua única consistência, o corpo, ainda que se trate de tomá-lo como algo que não se é e não se tem, restando ao ser falante adorá-lo, apenas crer que o tem.

[\(texto completo\)](#)

### Poesia?

Maritza Garcia

"O sentido é o que ressoa com a ajuda do significante. O que ressoa não vai muito longe, é meio mole. O sentido tampona. Com a ajuda do que chamamos escrita poética, porém, pode-se ter a dimensão do que poderia ser a interpretação analítica" (O Seminário, livro 24, L'insu..., 19/4/77).

Este ponto de vista transforma a psicanálise, que passa a se esforçar para alcançar a lógica da linguagem através da qual a marca de uma escritura muda, que ressoa, pode operar na fala, no corpo, na vida do ser falante. Esta seria mais precisamente a dimensão poética que ressoa do significante e que, ao invés de recheá-lo de sentido, faz uso do vazio por onde circulam, se articulam e se materializam os significantes e suas singulares inscrições.

[\(texto completo\)](#)



# Textos Completos

**Maritza Garcia**

## **Ressonância**

Fenômeno pelo qual um corpo oscila quando o atingem vibrações produzidas por outro. Designa igualmente a tendência de um sistema a oscilar em máxima amplitude em certas frequências, conhecido como 'frequências ressonantes'. Nessas frequências, até mesmo forças periódicas pequenas podem produzir vibrações de grande amplitude, pois o sistema armazena energia vibracional.

Fonte: Dicionário Musical Diminuto – acessível em <http://www.diminuto.brskernel.com/dicionariomusical.htm>

Em Física: Tendência de um sistema a oscilar em máxima amplitude em certas frequências, conhecido como 'frequências ressonantes'. Nessas frequências, até mesmo forças periódicas pequenas podem produzir vibrações de grande amplitude, pois o sistema armazena energia vibracional. Quando o amortecimento é pequeno, a frequência de ressonância é aproximadamente igual à frequência natural do sistema, o que é a frequência de vibrações livres. O fenômeno da ressonância ocorre com todos os tipos de vibrações ou ondas; mecânicas (acústicas), eletromagnéticas, e funções de onda quântica. Sistemas ressonantes podem ser usados para gerar vibrações de uma frequência específica, ou para obter frequências específicas de uma vibração complexa contendo muitas frequências.

Fonte: ???

A ressonância foi descoberta por Galileo Galilei quando começou suas pesquisas com pêndulos em 1602. A ressonância é semelhante ao eco. Este fenômeno tem aplicações importantes em todas as áreas da ciência, sempre que há a possibilidade de troca de energia entre sistemas oscilantes. A aplicação mais palpável é na área das telecomunicações, em que as ondas eletromagnéticas atuam como intermediárias na transmissão das informações do transmissor até o(s) receptor(es), constituindo-se o que se chama sinal. Também se pode destacar a área da espectroscopia, em que a energia radiante incidente é absorvida, refletida ou ainda transmitida pela amostra, fornecendo como resultado um espectro que é a informação da energia absorvida em função do comprimento de onda (ou da frequência) em forma de um gráfico.

Fonte: ???

## **Pequeno apanhado de usos do termo ressonância por Lacan**

Maritza Garcia

Lacan usa muito essa palavra ressonância (résonance, em francês). A cada Seminário, encontrei uma média de 8 referências ao termo. Então, fiz uma pequena seleção que talvez possa servir como introdução ao tema.

Nos primeiros Seminários, a maior parte das vezes que Lacan usa o termo ressonância, está falando da relação entre a palavra e o sentido.

No *Seminário 1*, por exemplo, temos: “a palavra cria a ressonância de todos os seus sentidos” (p.277).

No ano seguinte, já encontramos no texto de Lacan a idéia de que o que não pode ser nomeado, ressoa. A morte é tida como exemplo do inominável por excelência, ou seja, a morte é isso que ressoa.

No *Seminário 10*, quando encontramos a ressonância, a referência de trabalho é a voz ou “o que entra pelo ouvido”. A ressonância do shofar hebraico é entendida como o som da própria voz de Deus. De acordo com o que o Marcus tem trabalhado conosco, Lacan sustenta que a linguagem mantém uma relação muito próxima com a sonoridade, já que o ouvido é um aparelho que ressoa e que “não ressoa qualquer coisa. (...) ele só ressoa em sua nota, em sua própria frequência.” (p.299) Lacan, então, compara o tubo do ouvido com o que, da topologia, lhe causou interesse por ser uma forma criadora de um vazio. Mas, diz ele, “se a voz, no sentido em que a entendemos, tem alguma importância, não é por

ressoar num vazio espacial qualquer. (...) a voz ressoa num vazio que é o vazio do Outro como tal, o ex nihilo propriamente dito.” (p.300)

Nesta mesma página, Lacan anuncia a função de mediação da voz como uma das formas do objeto a, falando do vazio encontrado no tubo acústico como o “sopro” de uma flauta que, dedilhada de uma forma ou de outra, imprime nos outros sopros, uma mesma vibração, ou, que “impõe (ao vazio) uma ordem a tudo que possa vir a ressoar nele de uma dada realidade.” Não entendo bem essa idéia. Espero que possamos nos aprofundar mais nisso.

No *Seminário 23*, O sinthoma, a idéia de ressonância (ou consonância, termo que é usado nesse Seminário como um sinônimo) aparece como um chamado do real, de um real que não está ligado ao corpo, mas que Lacan posiciona entre o corpo e a linguagem. (p.40 da edição em francês). Que será que ele quer dizer com isso?

A partir de *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre* (1976-1977), vou inserir um pouco sobre o que venho trabalhando nessa investigação do termo ressonância:

O título desse Seminário de Lacan traz em si, por homofonia, uma outra forma de leitura, a saber, *L'insucès de l'unbewusst c'est l'amour*. Esta outra outra leitura contorna uma apreensão do inconsciente bastante diferente da perspectiva presente nos anos 50, ocasião em que foi proferido um seminário sobre As formações do inconsciente. Para além dos enigmas dos lapsos, sonhos e atos falhos que pedem decifração, a dimensão, ou dit mension, do equívoco é retomada por Lacan a partir de um desprendimento de tudo que se aproxima do sentido. A tradução do título do seminário parece não fazer muito sentido. O que realmente parece importante é que o título só pode ser entendido a partir do equívoco significante, neste caso homonímico, que se traduz como: O insucesso do Unbewusst (que designa inconsciente em alemão) é o amor. Neste momento final do ensino lacaniano, o equívoco se torna bem íntimo da idéia de que algo no sujeito ressoa. Joseph Attié (2003) esclarece que há um percurso que se pode seguir no texto de Lacan através do termo “ressonância semântica”.

As ressonâncias da interpretação e o tempo do sujeito na técnica psicanalítica é o título de um dos capítulos de *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953) e, articulando a ressonância ao tempo, Lacan fala de uma eterna circularidade do processo dialético, de modo que a experiência analítica “maneira a função poética da linguagem para dar ao desejo sua mediação simbólica.” (p.323) Isto seria a “ressonância semântica” lacaniana, que circula o tempo todo e, ao mesmo tempo, pode funcionar como um ponto de basta.

Ainda em *L'insu...*, diz Lacan: “O sentido é o que ressoa com a ajuda do significante. O que ressoa não vai muito longe, é antes mudo. O sentido o tampona.” (1979. ORNICAR? nº 17. Paris: Printemps. pg. 15). Attié chama a isso “ressonância assemântica”.

Este ponto de vista transforma a psicanálise, que passa a se esforçar para alcançar a lógica da linguagem através da qual a marca de uma escritura muda, que ressoa, pode operar na fala, no corpo, na vida do ser falante. O que permaneceu escrito das recordações terá de ser reinventado em análise, com a ajuda da mesma “metalíngua” que traduz *Unbewusst* por *Une-bévue* e que consiste em servir-se de uma palavra por uma via bastante diferente daquela para a qual ela foi criada para designar. Trata-se de uma invenção, de uma novidade que surpreende o significante. Essa tradução que Lacan chama de metalíngua é baseada na homofonia, e não na semântica, e é de inspiração joyceana, conforme se pode notar em *Joyce le symptôme*, uma conferência dada na Sorbonne, em 16 de junho de 1975 e publicada em *L'Âne*, nº 6, em 1982.

Esta seria mais precisamente a dimensão poética que ressoa do significante e que, ao invés de recheá-lo de sentido, faz uso do vazio por onde circulam, se articulam e se materializam os significantes e suas singulares inscrições.

## Renata Martinez

“Eis-nos, pois acudados contra o muro, contra o muro da linguagem. Estamos em nosso lugar, isto é do mesmo lado que o paciente e é nesse muro que tentaremos responder ao eco de sua fala (...). Para além deste muro, não há nada que não seja para nós, trevas exteriores (317)”.

Com esta frase de *Função e Campo*, Lacan nos indica com precisão o “bom” lugar a ser ocupado pelo analista. A linguagem aparece como um muro, uma baliza, algo que não deve ser transposto uma vez que o que há do outro lado não interessa, ou melhor, não serve como

material à análise – é pura escuridão. Sustentando sua posição “do lado de cá do muro”, o analista trabalha o que, ao longo de todo o texto, Lacan insiste em valorizar: o aparecimento da verdade do sujeito se veicula pela fala.

O analista deve estar do mesmo lado que o paciente, escutar o que ele lhe diz e não cair na armadilha de perseguir o que está por trás. É a partir do discurso do paciente que o analista se situa e intervém, elegendo a que “parte” do falado se dirige seu ouvido. Esse será o corte que livra o analista de encontrar-se acuado contra o muro, sua resposta ao que ecoa dos ditos do paciente poderá imprimir um novo rumo, um novo sentido, uma abertura que retira também o sujeito da posição de entocado, acuado contra o muro. Quando a interpretação “rompe o discurso para parir a fala”(317), por um momento, analista e analisando se libertam desta posição, para a ela retornar logo em seguida.

### **Celina Guimarães**

“A colocação do acontecimento em palavras elimina o sintoma (...). Aqui o termo conscientização guarda um prestígio que merece desconfiança (...). Quanto a nós diremos que o sujeito não apenas narrou o acontecimento, ele o verbalizou (...) ele o fez passar para o verbo, ou, mais precisamente, para o *epos* onde relaciona com o momento presente as origens de sua pessoa. A recitação do *epos*, se é encenada o é num palco que implica não somente a presença de um coro, como também dos espectadores.”

Nessa passagem, pode-se dizer que Lacan aproxima o *epos* do sujeito na análise ao *epos* do herói na tragédia. Pressuposto o discurso de seus contemporâneos - coro, espectadores, Outro e analista -, é no próprio discurso que ambos podem relacionar as origens de sua pessoa com o momento presente. O *epos* do sujeito e do herói, na análise e na tragédia, é marcado pelo encontro irremediável do homem com sua verdade.

Na análise, o discurso coloca em cena, na presença do Outro, os acontecimentos que produziram viradas na vida do sujeito, possibilitando-lhe reconstruir a verdade que essas viradas introduzem na sua história. A verdade do desejo se manifesta pelas frestas que o sintoma, os lapsos, os sonhos e as fantasias lhe dão acesso. Seu desvelamento na análise cria uma abertura para o sujeito se haver com aquilo que particulariza o seu modo de gozo, particularidade esta, estruturada pelo corpo libidinal e suas pulsões. Isso é possível pela via da interpretação. A interpretação analítica desarticula o destino, na medida em que reintroduz pela linguagem - ali onde pesava o destino com um sentido cristalizado e fixo - a equivocação.

O efeito trágico decorre do mal-entendido estrutural provocado pela linguagem, manifesto na comunicação que o herói estabelece consigo mesmo e com as outras personagens. Enquanto o herói está preso pela sua identificação social e política, seu vocabulário é opaco, não lhe causando dúvidas. Esta opacidade em seu discurso sofrerá, no entanto, através da *Peripécia* e do *Reconhecimento*<sup>1</sup>, uma transformação radical no decurso do drama: o herói cai na armadilha da própria palavra, uma palavra que lhe traz a experiência dolorosa de um

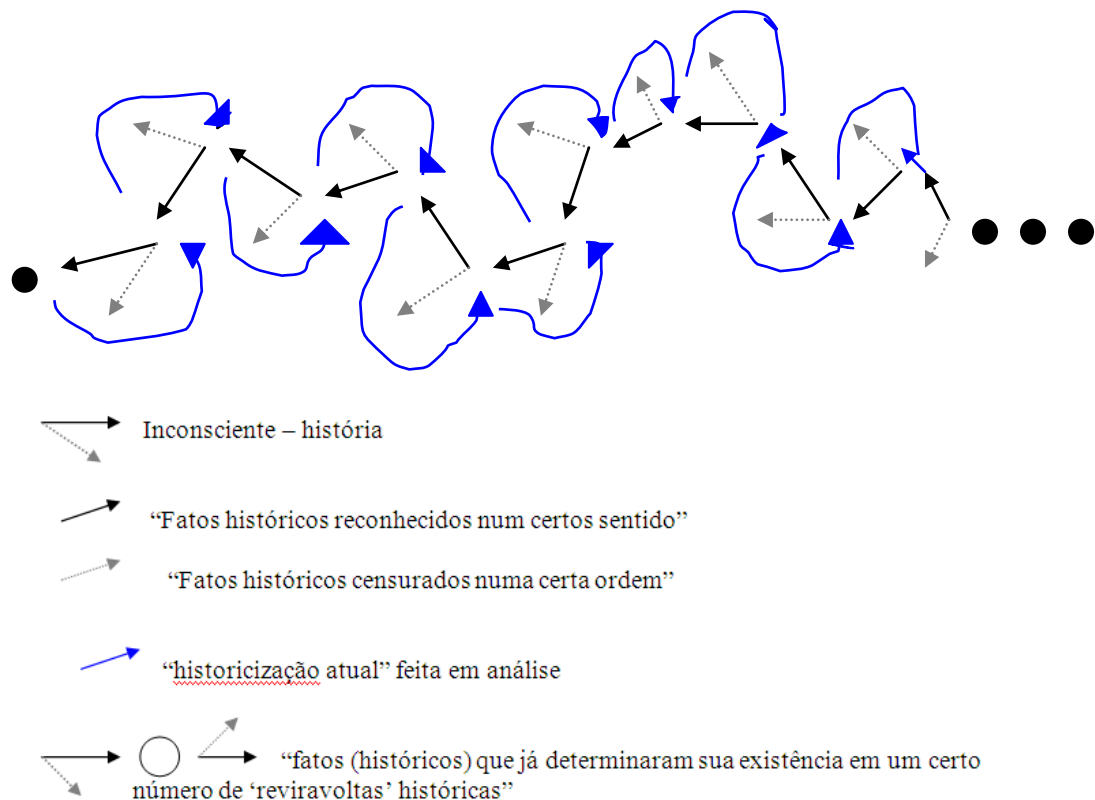
---

<sup>1</sup> A *Peripécia* constitui-se na mutação dos sucessos no contrário, de modo que esta inversão deve produzir-se verossímil e necessariamente. O *Reconhecimento* é a passagem do ignorar ao conhecer, seja de uma pessoa em relação à outra, seja um reconhecimento entre ambas as personagens ou até um reconhecimento de si mesmo. Também é *Reconhecimento* o fato do herói se questionar sobre o haver ou não praticado uma ação.

sentimento que ele obstinava em não reconhecer. A tensão crescente que caracteriza a aproximação do herói com sua verdade é expressa, entre outros elementos, pela dualidade entre o coro e o herói trágico: o coletivo por oposição ao individual. O coro tem o papel de exprimir em seus temores, em seus julgamentos e interrogações, os sentimentos dos espectadores que compõem a comunidade cívica; a verdade coletiva. Para que se produza efeito trágico, é imprescindível que o herói passe verbalize o impasse no qual ele se encontra. Dessa forma, o herói, assim como o sujeito em análise, sofrerá uma transformação, um deslocamento necessário, enquanto que o coro não é passível de mudança.

### Isabel Barros

“O que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história – ou seja, nós o ajudamos a perfazer a historicização atual dos fatos que já determinaram em sua existência um certo número de “reviravoltas” históricas. Mas, se eles tiveram esse papel, já foi como fatos históricos, isto é, como reconhecidos num certo sentido ou censurados numa certa ordem”. (LACAN, “Função e campo da fala e da linguagem”, pág. 263)



Este parágrafo resume um pouco o que vimos discutindo sobre o percurso da análise a partir da verbalização, diferenciando-o da hipnose ou da conscientização. Há nele o pressuposto de uma linha do tempo bastante distinta da convencional, que exclui a lógica linear de causa e efeito. A historicização atual feita em análise retoma a história/inconsciente justamente através de suas reviravoltas. No gráfico, são os espaços entre as bifurcações que representam essas reviravoltas. Esses pontos de encruzilhada da história do sujeito só existem como fatos já históricos, nada “puros” ou originais, discerníveis através do trabalho de construção da

fantasia. A fantasia construída em análise pode costurá-los a partir de seus dois aspectos: o de reconhecimento – as lembranças – e o de censura – o que resta como não dito.

Alguma coisa falta quando se busca corresponder o sintoma atual ao evento passado. Apesar de ser uma narrativa da realidade para o sujeito, a fantasia não é uma narrativa linear que separa o presente do passado e do futuro. A idéia da fantasia permite que os tempos se misturem, uma vez que o essencial nela são seus avatares, suas subjacências, enfim, suas reviravoltas.

As marcas que retornam em análise destas reviravoltas não são um resgate de fatos que aconteceram em um passado finito, uma vez que são enquadradas pela fantasia. São, na verdade, construções no presente que elaboram o passado e vão ter função no futuro, sem uma divisão cronológica entre os três tempos.

### Rodrigo Lyra

*“Não há fala sem resposta, mesmo que ela se depare apenas com o silêncio, desde que tenha um ouvinte. É esse o cerne da função da fala na análise. Se o analista ignorá-lo, só fará experimentar mais fortemente seu apelo e - apesar de ser o vazio que nela se faz ouvir inicialmente - em si ele o experimentará. Para além da fala, então, irá buscar uma realidade que preencha este vazio (249, tradução modificada).”*

A passagem destacada interroga, a meu ver, a relação de um aspecto fundamental da técnica psicanalítica com a ética que o sustenta. No plano da técnica, a questão que se coloca é a da reação do psicanalista à fala do analisante, que, mais abertamente ou menos, sempre demanda uma resposta. No plano da ética, a seguinte indagação: em que a presença desse “ouvinte” pode colaborar para o encontro de algo singular no campo das falas apoiadas no Outro?

Ao afirmar que “não há fala sem resposta”, Lacan evita que o ato de responder seja entendido como um ato facultativo do psicanalista, uma possibilidade ao seu alcance, que ele pode conceder ou recusar. À primeira vista, essa indicação parece sugerir que o analista está submetido à injunção de *ter que responder*, mas o efeito é justamente o contrário. Parte-se do princípio – clínico e teórico – de que na fala analisante há um vazio. Mas não se trata apenas de um empobrecimento do texto, de uma falta-a-ser, e sim de um vazio que apela, que faz apelo. Segundo Lacan, caso o analista não capte em que medida seu silêncio pode ser efetivamente uma resposta a esse vazio, ele tenderá a sentir-se obrigado a encontrar uma solução para o apelo que a ele se endereça. Ora, posto que o vazio em questão é estrutural, inerente à fala, esse ímpeto de preenchê-lo se direcionará para fora do campo da fala e, conseqüentemente, para fora do campo da psicanálise. Ou seja, por mais que em última instância seja necessário sempre retornar ao campo da fala, o fato de ter desejado buscar uma resolução para o apelo impede o analista de tornar esse vazio operativo. Ele terá se ocupado da função de “dar uma resposta” e não da de fazer circular o vazio de uma certa maneira.

Resta interrogar, então, como e porque o silêncio pode vir a ser justamente a boa resposta ao apelo da fala - o que não significa, evidentemente, que ele sempre o seja. Para isso, me parece, devemos partir do paradoxo próprio da psicanálise: aposta-se exclusivamente na fala ao mesmo tempo em que se reconhece nela um vazio. Como, então, passar da ausência à presença, da falta ao objeto? Nesse ponto, me afasto um pouco mais do texto para tentar compreendê-lo.

Creio que existe uma diferença entre a sensação genérica de que a fala é precária (falta) e aquele vazio específico a uma fala que “quase” diz a verdade que buscamos (presença). O silêncio do analista, a meu ver, pode servir tanto para apontar para esse segundo vazio/presença - evitando que o sujeito se apegue demais a certas certezas construídas em análise –, quanto para permitir, com sua presença de analista, que esses cacos de vazio/presença se articulem, através de um trabalho que somente o analisante pode fazer, desde que o analista não “experimente em si” o vazio como obrigação de responder.

Sem dúvida seria necessário desenvolver esse ponto.

### **Cristina Frederico**

Ao comentar sobre a duração da sessão, Lacan lembra a justificativa daqueles que o criticam: *o inconsciente demanda tempo para se revelar*. Então, qual seria sua medida, pergunta Lacan. A realidade deste tempo depende em parte do modo como o analista recebe o trabalho do analisante. O analista para Lacan participa como testemunha, escreva, mas também é ele que pontua o discurso que lhe chega, sem ser, por isto, inteiramente senhor da situação já que o muro da linguagem também o constrange. Segundo Lacan, ["a suspensão da sessão não pode deixar de ser experimentada pelo sujeito como uma pontuação em seu progresso"](#) (p.314). A pontuação colocada aqui fixa o sentido (p.315), organiza o sentido do texto do analisante. Então, que pontuação é aquela que se daria pelo corte, pela vacilação ou suspensão de sentido?

A interpretação como corte opera uma subversão do sentido, fixa algum ponto de parada diante da fala vazia, da proliferação incessante da cadeia significante e possibilita que se precipite algo da fala plena, da verdade do sujeito. É assim que entendo quando Lacan diz que a ["a interpretação só rompe o discurso para parir a fala"](#) (p.317). Lacan faz uma referência à técnica Zen por esta também utilizar o corte da sessão (*sanzen*), mas a faz sob ressalvas: não lhe interessa chegar aos extremos em que é levada esta técnica, e recorre apenas a uma "aplicação discreta de seu princípio" (p. 317). Na técnica Zen se trabalha com o imprevisto, com o efeito surpresa que se segue a uma espera. Trata-se da formulação de um problema em que a resposta não tem conexão lógica com a pergunta, e instaura naquele que pergunta um vazio enigmático de sentido, um vazio que ressoa e que é inerente ao próprio discurso. Neste ponto a técnica Zen diz algo do corte analítico, desde que não pretenda se chegar ao extremo da experiência enigmática em que um significante não se remeta ao outro, deixando o sujeito em um estado de perplexidade, sem que depois possa vir a parir a fala.

A psicanálise difere-se do Zen sobretudo por este ser uma transmissão fora das "Escrituras", não se trata aqui de palavras, do que já está escrito ou que pode a *posteriori* se escrever como na experiência analítica. Mas como algo pode se inscrever na análise? É possível que diante do vazio que ressoa surja um significante, um nome que por ser justamente opaco em seu sentido possa funcionar como pontuação, mesmo que não seja a princípio pela fixação de um sentido?

Mariana Mollica

**Comentário sobre um parágrafo de *Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*. (Jacques Lacan in Escritos)**

**“A suspensão da sessão não pode deixar de ser experimentada pelo sujeito como uma pontuação em seu progresso. (...) a pontuação colocada fixa o sentido, sua mudança o transforma ou transtorna e errada equivale a alterá-lo (pg 314-315)”.**

A suspensão da sessão como artifício criado por Lacan para resgatar os princípios da experiência freudiana, perdidos pela tradição psicanalítica, introduz um novo na técnica da interpretação. Essa inovação evidencia em sua retomada que o umbigo do sonho, a impossibilidade de se chegar ao núcleo da fantasia senão por seu caráter mítico, ficcional e o sem sentido que as formações do inconsciente trazem à tona não podem ser negligenciados em nossa prática clínica. A ênfase que o vazio de sentido ganha no corte lacaniano é produzida por pelo menos três aspectos do significante: sua ação *nachträglich* (a compreensão de uma frase ou de uma história é dada pelo último termo pronunciado), seu efeito de transformação do sentido fixado (cifrado e decifrado) pelo inconsciente é produzido na leitura do analista ao pontuar o “texto” do analisante; e sua curiosa capacidade de subversão entre os lugares de sujeito e objeto quando a interpretação analítica parte de sua ressonância. Para dar um passo ético e tomar novo lugar em seu discurso, o sujeito terá que se implicar no gozo que extrai da fala enquanto objeto do Outro, assujeitado pela linguagem e representado entre significantes.

A aplicação dos princípios da técnica *zen* à psicanálise visa à interrupção do fluxo interminável do deslizamento das significações, cuja alienação do sujeito no discurso vazio é barrada por um ponto de parada. A decisão pela pontuação e pelo encerramento da sessão é realizada pelo analista, mas seus efeitos de corte só poderão ser reconhecidos pela fixação ou transformação de sentido produzidas no analisante. Apontando para a responsabilidade ética do analista Lacan restringe a utilização da técnica *zen* pela experiência analítica a uma *aplicação discreta de seu princípio, considerando suas limitações (p317)*, já que a psicanálise não visa apenas o efeito de perplexidade, desconcerto, *nonsense* que interrompe o fluxo do pensamento, mas gerar uma subversão na posição do sujeito diante do Outro e do gozo. Abstendo-se de dar uma resposta à questão do paciente, tanto o silêncio como a interrupção da sessão, pretendem reenviar o analisante para a própria defasagem entre o que demanda do Outro e o que obtém dele. O sintoma e a fantasia são respostas à questão sobre o desejo e através de um deslocamento infinito de sentido ou de um sentido fixo e inerte podem encobrir a vertente do enigma do desejo do Outro, numa prática terapêutica onde uma interpretação do analista não se faça ouvir pelo sujeito.

O corte não deve ser realizado de modo aleatório, disparatado, mas antes deve ter a precisão e a responsabilidade de pontuar o texto avisado de que o sentido do dito é determinado pelo reconhecimento da mensagem do sujeito pelo Outro. Assim, é preciso resgatar a técnica significativa, para além de apontar que o significante falha em seu intento de significar e de representar o sujeito na linguagem. O *Witz*, como *a mais brilhante forma com que Freud aponta para o inconsciente pela técnica significativa e por seu domínio sobre o real (p.271)*, nos ensina que a comunicação só tem função quando uma verdade é enunciada e sancionada pelo Outro. A espíritosidade, comprovada no riso de um terceiro, é uma bela forma de ilustrar as demais formações do inconsciente e seu valor deve ser atribuído a seu texto, que se dá em três tempos lógicos. No primeiro há um esboço de mensagem, mas não há uma decisão sobre o sentido; no segundo, onde o desconcerto suspende a significação supostamente convencional, ocorre um curto-circuito na relação sujeito-objeto e; no terceiro tempo é construído um novo sentido, fora da

significação comumente aceita pela civilização, fundando uma verdade inédita e singular que se enuncia pelo *pás-de-sens* (*nonsense* e passo de sentido). Trata-se de um prazer que não pode obter satisfação senão por uma deformação que só pode ser resgatada em letras. Assim como o *Witz* a interpretação coloca em primeiro plano o gozo do sujeito enquanto objeto, por meio da ressonância fonemática recolhida pelo Outro e produzindo algo inédito no sujeito. Se por um lado o corte, em seu efeito de interpretação, não é um método e como tal não poderia seguir regras que determinam um certo e um errado, por outro a ressalva de Lacan quando menciona a alteração de sentido como erro submete o corte analítico aos princípios da interpretação.

Comentário sobre o caso do “homem dos miolos frescos” articulado a um fragmento clínico que aponta para a “outra topologia” introduzida pela interpretação lacaniana

Mariana Mollica

Para situar o que está em jogo na técnica da interpretação, denunciando o afastamento do inconsciente promovido pelos pós-freudianos, Lacan (1958) pinça um caso clínico atendido por Melitta Schimideberg e posteriormente por Ernest Kris trazido a público pelo segundo analista para questionar a interpretação da primeira. Lacan pretende demonstrar que “*Trieb* implica em si um advento do significante” (Ibidem: 603) e nesse sentido se distancia do eu do sujeito, suas defesas e da relação dual que se possa estabelecer na transferência. Lacan demonstra como a topologia implicada na intervenção de Kris erra feio o seu alvo e em contraposição Lacan propõe uma nova topologia para a interpretação. O erro que Lacan denuncia está ligado à pressuposição de que defesa (do eu) e pulsão são concêntricas<sup>2</sup>, uma sendo moldada pela outra. Em nosso entendimento isso poderia ser pensado como um anel em que as duas faces estão em oposição e, por condição lógica, uma não tem como permear a outra.

O paciente apresenta uma inibição em sua vida intelectual sendo incapaz de publicar qualquer de suas pesquisas em função de um *impulso a plagiar* do qual não consegue se servir. Melitta direcionou o tratamento em função de um conflito que seria derivado de uma delinqüência infantil, já que ele furtava guloseimas quando criança. Kris retoma o caso criticando a analista e vangloriando-se da interpretação que procede da superfície à profundidade, promovendo um *insight* “que não passava de uma repetição de sua compulsão” (Lacan, 1958:605). Kris não se contenta com os dizeres do paciente e se serve das idéias que o paciente acaba de concluir num livro para utilizar como provas de que o paciente não era plagiário. Faz uma intervenção que aponta que, **embora ele não seja de fato plagiário, ele acredita sê-lo e quer sê-lo para impedir de ser plagiário realmente**. Lacan considera que a intervenção de Kris incide antes na defesa do eu do que na pulsão, que aqui se evidencia na atração pelas idéias dos outros.

Quando Kris pergunta ao paciente sobre essa “mudança de perspectiva”, que ele supõe ter havido com a intervenção, o paciente afirma que há algum tempo, ao sair da sessão, começou a cobiçar nos cardápios de restaurantezinhos o anúncio de seu prato predileto:

---

<sup>2 2</sup> No dicionário Aurélio encontramos que dois elementos concêntricos possuem o mesmo centro.



“miolos frescos”. Para Lacan isso foi um *acting out* como efeito da intervenção. A raiva inerente ao próprio relato do paciente sobre o que ele fez com o dito do analista é uma pista, um indício do “sintoma transitório que adverte o analista: você passou ao largo” (Ibidem:606). Lacan (1958 e 1953) nos mostra aqui o que nos é essencial no que diz respeito à interpretação e sua topologia. Tal topologia não é explicitada, mas podemos supor que se trata da banda de möebius, onde uma face está necessariamente atrelada à outra, bastando caminhar em sua superfície. “Não é o fato de o paciente não roubar que importa: é que ele não...” Retirando o “não”, como nos indica Freud a respeito da denegação, Lacan aponta para a interpretação a ser dada: “ele **rouba** nada” (ibidem). O que não lhe vem à cabeça é que ele possa ter uma idéia própria. O que é apontado na interpretação lacaniana, nos parece, é o significante roubar. Apontar, como quer Kris, o caráter ficcional da verdade, tentando desculpar o sujeito em nada toca a verdade inconsciente e sua vertente gozo. A ânsia por miolos frescos aponta, segundo Lacan, que Ernest Kris trata como obsessivo um paciente que lhe apresenta uma anorexia mental através de uma “fantasia de comestível”. Para se confirmar a pertinência de uma interpretação o que importa não é a convicção que ela acarreta, mas o material que vier a surgir depois dela, ou seja, as conseqüências que dela o analisante recolher e trazer em seu dizer. Contrapondo-se a idéia de atingir o profundo através da superfície Lacan retoma a retificação subjetiva de Freud afirmando que ela é dialética, justificando que trabalhar na superfície não é ser superficial, como aponta a metáfora: “é na superfície que a profundidade é visível como herpes em dia de festa a florescer no rosto” (Ibidem, 608). Vejamos num pequeno fragmento clínico como os efeitos de abertura para o trabalho analítico são obtidos a partir da interpretação que incide no significante a partir do corte.

Uma mulher de 55 anos me procurou para tratamento afirmando estar profundamente angustiada porque mente. Mente para um rapaz que conheceu na Internet, que tem menos de 20 anos, e que pensa que ela é uma coroa de uns 45 anos, jovial, bem sucedida no trabalho, mãe de um filho já criado e bastante ocupada. No entanto, há uns 10 anos ela soube que tinha um aneurisma cerebral e tomou essa notícia não tanto como uma ameaça de morte, mas como sua própria morte. Não sustentou mais o trabalho que fazia aposentando-se por invalidez e perdeu o dinheiro que tinha. Terminou a relação com um homem casado que mantinha por vários anos e como nunca teve filhos, não sabia mais para quê continuar viva. Após a retirada do aneurisma, muitos anos após a fase de profunda depressão, se viu vivendo uma nova vida. Aposentada, ganhando bem menos, passou a sentir-se feliz por estar viva e passou a desfrutar dos pequenos acontecimentos cotidianos. Há dois anos passou a se corresponder por e-mail com o jovem rapaz e reconhece com dificuldade, nas primeiras entrevistas, seu enorme tesão por ele, mesmo se sentindo muito mal pela diferença de idade, pelo sexo virtual e vendo-se paradoxalmente atormentada pelo apaixonamento dele por ela. Ela nunca permitiu que ele se aproximasse dela, por vergonha de ser descoberta em sua mentira e por medo de prejudicar a vida do garoto, já que ele é “profundamente problemático”, segundo ela. Sua demanda de análise inclui conseguir livrar-se desse gozo “doentio”, seja terminando o namoro virtual, seja encontrando outra solução para o impasse que se meteu com as mentiras sobre sua verdadeira identidade.

Numa sessão ela falava do ex-namorado que a tratava muito mal e que a chamava de doente por ela ter “feito esse aneurisma” dentro de sua cabeça. Na mesma sessão ela

questionava como se deixou envolver com um menino tão novo, fazendo-o sofrer numa história descabida onde eles se adoram, mas não podem se encontrar. Utilizando termos como “doentio”, “estranho” e “monstruoso” para referir-se ao amor pelo menino, que não tem nada a ver consigo mesma, ela exclamou: “como deixei isso crescer em mim?”

O corte da sessão foi realizado pela analista após repetir a pergunta “como deixei isso crescer em mim?”

Na sessão seguinte a analisanda questionou-se a respeito da mentira sobre sua idade coincidir exatamente com a idade que ela tinha quando recebeu a notícia de que tinha o aneurisma. A partir daí perguntou-se: “será que eu estou querendo resgatar àquela vida que perdi? O que estou querendo resgatar?”

Justamente porque demanda e desejo se relacionam como uma banda de Möbius e não como duas faces opostas de um anel, que uma pode permear a outra, desde que haja algum tipo de equivocação ou alguma vacilação entre o significante e seus efeitos de significação. O efeito de interpretação, que o corte na frase “porque deixei isso crescer em mim?” promoveu dispensou a significação como meio de articular sintoma e trauma. Ao mesmo tempo que traz à tona a responsabilidade do sujeito por seu gozo, aponta para sua divisão, já que há algo que ela não controla, não sabe porque se dirige ao Outro dessa forma, mas paradoxalmente é justamente desse modo “monstruoso”, “doentio” e “estranho” que responde à demanda do Outro. O “estranho” amor pelo menino parece ser um sintoma que dá uma interpretação ao que é insuportável no aneurisma como evento traumático. O corte, ao propiciar o *nonsense* devido à suspensão do sentido, colhe como efeito uma questão sobre a verdade que a mentira contém. Uma mentira, um advento sintomático neste caso, produz uma abertura para a questão sobre o desejo: o que estou querendo resgatar do que perdi? Quando se privilegia um efeito sobre o desejo inconsciente, a partir da interpretação, se faz imprescindível abrir mão das significações imaginárias que podemos dar ao que o analisando nos traz e intervir sobre o significante como modo de atingir o pulsional, o gozo.

#### Referência Bibliográficas

Lacan, J (1953). Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise in Escritos, 1996. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_ (1958). A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder in Escritos, 1996. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

## Apanhado de citações de FUNÇÃO E CAMPO...

Não há fala sem resposta, mesmo que ela se depare apenas com o silêncio, desde que tenha um ouvinte. É esse o cerne da função da fala na análise. Se o analista ignorá-lo, só fará experimentar mais fortemente seu apelo e - apesar de ser o vazio que nela se faz ouvir inicialmente - em si ele o experimentará. Para além da fala, então, irá buscar uma realidade que preencha este vazio (249, tradução modificada).

A colocação do acontecimento em palavras elimina o sintoma (...). Aqui o termo conscientização guarda um prestígio que merece desconfiança (...). Quanto a nós diremos o sujeito não apenas narrou o acontecimento, ele o verbalizou (...) ele o fez passar para o verbo, ou, mais precisamente, para o *epos* onde relacionam-se com o momento presente as origens de sua pessoa. A recitação do *epos*, se é encenada o é num palco que implica não somente a presença de um coro, como também dos espectadores (256).

Não se trata de saber se ambigüidade da revelação histórica deve ser situada entre imaginário ou real, nem que ela seja verdadeira ou mentirosa, mas da realidade do que não é nem verdadeiro nem falso (257).

Não se trata para Freud nem de memória biológica, nem de sua mistificação intuicionista nem de paramnésia do sintoma, mas de rememoração, isto é, de história, fazendo assentar unicamente sobre a navalha das certezas da data a balança em que as conjecturas sobre o passado fazem oscilar as promessas do futuro (257).

Não se trata de realidade na experiência analítica mas de verdade, porque o efeito de uma fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir (257).

A assunção de sua história pelo sujeito no que ela é constituída pela fala endereçada ao outro que serve de fundamento ao novo método a que Freud deu o nome de psicanálise (258).

Seus meios são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo, seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real (259).

O inconsciente é a parte do discurso concreto como transindividual que falta à disposição do sujeito para estabelecer a continuidade de seu discurso consciente (260).

Toda fixação numa pretensa fase instintual é antes de mais nada um estigma histórico (263).

O sujeito vai muito mais além do que o indivíduo experimenta subjetivamente (266).

O inconsciente do sujeito é o discurso do outro (266).

O desejo, para ser satisfeito no homem, exige ser reconhecido, pelo acordo da fala ou pela luta de prestígio, no símbolo ou no imaginário. O que está em jogo numa psicanálise é o advento, no sujeito, do pouco de realidade que esse desejo que sustenta nele em relação aos conflitos simbólicos e às fixações imaginárias, como meio de harmonização destes e nossa via é a experiência intersubjetiva em que esse desejo se faz reconhecer (281).

Para liberar a fala do sujeito nós o introduzimos na linguagem de seu desejo isto é na *linguagem primeira* em que para além do que ele nos diz de si, ele já nos fala a sua revelia e prontamente o introduzimos nos símbolos de seu sintoma (294).

Por ser a linguagem que capta o desejo no ponto exato em que ele se humaniza, fazendo-se reconhecer, ela é absolutamente peculiar ao sujeito (295).

Não há dúvida portanto que o analista pode jogar com o poder do símbolo evocando-o deliberadamente nas ressonâncias semânticas de suas colocações (295).

O que é redundância na informação é precisamente aquilo que na fala faz as vezes de ressonância (300).

A função da linguagem não é informar mas evocar, o que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro só profiro aquilo que foi com vistas ao que será (301).

Me identifico na linguagem, mas somente ao me perder nela como objeto (301).

A partir daí surge a função decisiva da resposta que não apenas a de ser aceita pelo sujeito, como aprovação ou rejeição de seu discurso, mas realmente a de reconhecê-lo ou aboli-lo como sujeito. É essa responsabilidade do analista toda vez que ele intervém pela fala (301).

O analista interpreta o símbolo e eis que o sintoma que o inscreve com letras de sofrimento na carne do sujeito se apaga (305).

A suspensão da sessão não pode deixar de ser experimentada pelo sujeito como uma pontuação em seu progresso, a pontuação colocada fixa o sentido, sua mudança o transforma ou transtorna e errada equivale a alterá-lo (313).

A interpretação só rompe o discurso para parir a fala (315).

Eis-nos pois acudados contra o muro, contra o muro da linguagem. Estamos em nosso lugar, isto é do mesmo lado que o paciente e é nesse muro que tentaremos responder ao eco de sua fala (...). Para além deste muro, não há nada que não seja para nós, trevas exteriores (317).

A noção de instinto de morte por menos que a consideremos propõe-se como irônica, devendo seu sentido ser buscado na conjunção de dois termos contrários, o instinto e a morte (318).

O instinto de morte exprime essencialmente o limite da função histórica do sujeito (319).

## **Cristina Bezerril**

### DESEJO E INTERPRETAÇÃO

- O conceito de desejo se situa para além e para aquém da demanda, e sua arquitetura, como se expressa Miller, gira em torno da noção de recalque, do impossível acordo entre significante e significado. O desejo é "menos paixão pura do significado do que pura ação do significante"<sup>3</sup> e seu vetor indica o ponto de opacidade do desejo no Outro. Tornando ele próprio o intérprete, Lacan traça uma

---

<sup>3</sup> Lacan, J. "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In: *Escritos*. Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 636.

ex-sistência – um outro modo de dizer do desejo como desejo do Outro, do desejo que carrega as marcas da linguagem e que “só é captado na interpretação”<sup>4</sup>.

- Formular a interpretação como desejo coloca no centro da cena a questão da falta, que recai sobre o sujeito, mas também no Outro, que se distingue do A sem barra da demanda de amor. A diferenciação que Lacan elabora entre significante do desejo e objeto do desejo cava uma abertura ao *Che vuoi?* como princípio de resposta à posição neurótica de ser o falo para o Outro, cujo engodo mantém no sujeito histérico o desejo insatisfeito, e no obsessivo o faz impossível.
- Esse ponto implica na articulação entre o objeto e a ordem simbólica, que o define como perdido pela própria estrutura do significante, fazendo com que a perda do objeto em sua naturalidade seja solidária do aprisionamento do ser humano pela linguagem.
- O nascimento do desejo, seu ponto zero, submete o objeto à condição de símbolo, extraindo-o de sua naturalidade, de seu suporte material. E há um segundo passo que vai do símbolo à linguagem e que faz o símbolo advir de “uma presença feita de ausência”. Rabinovich destaca desse “ato de separar” da linguagem, o caráter ativo do símbolo, que destrói o objeto natural, ao mesmo tempo em que cria algo novo. O jogo do Fort-Da, como base do movimento da máquina simbólica em seu automatismo de repetição, ilustra essa conceitualização do objeto perdido, “cuja mira é a intrínseca relação entre a perda de uma naturalidade e a instalação de uma falha, de uma perda de ser”<sup>5</sup>, determinada pelo poder de separação da operação simbólica. A linguagem como “potência absoluta” em relação à Natureza encontra um paralelo no desejo que, como metonímia da falta-a-ser, se afirma como “condição absoluta” em relação à demanda.
- Lacan dirá que essa topologia moebiana é necessária para não haver engano quanto ao lugar do desejo, e podemos acrescentar quanto à função da interpretação, que em termos de decifração se articula ao modo de presença do sujeito no desejo, pois não se trata do sujeito se reconhecer no desejo, mas de fazê-lo reencontrar-se como desejante. Como seria isso possível, se o de que se trata na experiência de análise é de tomar um certo gosto por sua divisão, de querer saber disso, da barra que Lacan destaca tanto na fórmula da fantasia, como na pulsão, que se lêem, respectivamente, do S como fading diante do objeto do desejo e no corte da demanda?
- Miller diz bem desse ponto: a interpretação apoiada na falta-a-ser designa “o ponto-de-falta do sujeito que deve se fazer na fala”<sup>6</sup>. Ponto crucial, ao qual se acrescenta a formulação da incompatibilidade entre desejo e fala que “A direção do tratamento” coloca, na medida em que o desejo como metonímia da falta-a-ser introduz uma impossibilidade na fala que busca na resposta do outro seu complemento (a própria demanda). É porque a experiência de análise opera com a fala que se produz no lugar do Outro, instaurando o campo da linguagem, que o analista vem ocupar o lugar de depositário do desejo do Outro, lugar simbólico de onde é possível se interrogar a respeito da existência: Quem sou eu?
- Uma teoria que inclua a falta não anda sem que a interpretação se inscreva como indeterminação, formando o nó do ininterpretável. O dedo erguido de São João de que Lacan se serve para situar a “virtude alusiva” da interpretação, daquilo que não

---

<sup>4</sup> Idem, p. 629.

<sup>5</sup> Rabinovich, D. S. “El concepto de objeto en la teoría psicoanalítica – sus incidencias en la dirección de la cura”. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 1997, p. 105.

<sup>6</sup> Miller, J.-A. Silet. Os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: JZE, 2005, p. 36-7.

se pode dizer, mas que não diz exatamente de um se calar, e sim de uma ética de bem dizer, de dizer de través o que se lê nas entrelinhas do desejo que escapa.

- A escuta como condição da fala desenha um lugar vazio de significação que o analista encarna com sua presença, com seu silêncio. Mesmo que fale que o seja como indica Miller: falar a partir do silêncio e guardá-lo ainda que fale, endereçando a fala a “um ser alhures”, tornando o silêncio a relação privilegiada do sujeito com o significante – aí se demarca algo novo, uma nova relação com o significante, cujo “horizonte desabitado do ser” bordeja o real da experiência analítica.

“a interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõem algo que, de repente, possibilite a tradução – precisamente aquilo que a função do Outro permite no receptáculo do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante”<sup>7</sup>.

## 1 – LUGAR DA INTERPRETAÇÃO E PREVALÊNCIA DO SIGNIFICANTE

Para falar da interpretação, Lacan começa por dizer o que ela não é: explicação, gratificação, resposta à demanda, insight, confrontação. Isso para indicar que onde age a interpretação é necessário o conceito da função significante, sem o que ela aparece por toda a parte. “Quando não se admite radicalmente um conceito da função do significante que capte onde o sujeito se subordina a ele, a ponto de por ele ser subornado”<sup>8</sup>, não se concebe onde age a interpretação. A ordem simbólica preexiste ao sujeito e é desde o lugar do Outro que o sujeito se estrutura – essa doutrina do significante, Lacan especifica nos “modos de efeito do significante no advento do significado”<sup>9</sup>, a única via em que a interpretação pode produzir “algo novo”, pois “a interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõem algo que, de repente, possibilite a tradução – precisamente aquilo que a função do Outro permite no receptáculo do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante”<sup>10</sup>.

Como pensar esse “algo novo” e esse “elemento faltante”?

O inconsciente como estrutura radical da linguagem implica que a significação não emana da vida, mas da malha discursiva que se tece segundo leis próprias às línguas faladas. A máquina simbólica, seu automatismo de repetição que segue por metáforas e metonímias, conota presença e ausência, mas constituindo a presença com base na ausência, assim como a ausência na presença. E é essa topologia moebiana que Lacan dirá necessária para não haver engano quanto ao lugar do desejo que escorrega de significante em significante. O sujeito não se define pela significação, mas como S barrado, dividido na apreensão entre dois significantes. Lacan fazendo-o funcionar como falta-a-ser, define de maneira central a função do desejo na direção do tratamento. O privilégio do falo como significante da falta, serve ao questionamento da identificação

---

<sup>7</sup> Idem, p. 599.

<sup>8</sup> Lacan, J. “A direção do tratamento e os princípios do seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 599.

<sup>9</sup> Idem, p. 600.

<sup>10</sup> Idem, p. 599.

fálica – a posição de ser o falo que se destaca em todos os fragmentos clínicos que se encontram nesse escrito, e que, a propósito, são muitos: Dora, o Homem dos Ratos, o dos Miolos Frescos, o da rodada de *bonneteau*, o sonho da bela açougueira.

A interpretação em termos de decifração, de localização da verdade, articula-se à função privilegiada do significante falo como marca do modo de presença do sujeito no desejo, fazendo do desejo o intérprete – um outro modo de dizer do desejo como desejo do Outro. Formular a interpretação como desejo coloca no centro da cena a questão da falta, que recai sobre o sujeito, mas também no Outro, porque o falo como significante ímpar traça um percurso que vai do S barrado ao S de A barrado. Da falta ao furo, é possível dizer? A diferenciação que Lacan elabora entre significante do desejo e objeto do desejo cava uma abertura ao *Che vuoi?* como princípio de resposta à posição neurótica de ser o falo para o Outro, cujo engodo mantém no sujeito histérico o desejo insatisfeito, e no obsessivo o faz impossível.

Então, do lado do analista trata-se de manter um certo vazio, uma via aberta para que o sujeito se reencontre como desejante, em lugar de fazê-lo reconhecer-se ali como sujeito. Pois como seria isso possível, se o de que se trata na experiência de análise é de tomar um certo gosto por sua divisão, de querer saber disso, da barra que Lacan destaca tanto na fórmula da fantasia, como na pulsão, que se lêem, respectivamente, do S como fading diante do objeto do desejo e no corte da demanda? Miller diz bem desse ponto: a interpretação apoiada na falta-a-ser designa “o ponto-de-falta do sujeito que deve se fazer na fala”<sup>11</sup>. Ponto crucial, ao qual se acrescenta a formulação da incompatibilidade entre desejo e fala que “A direção do tratamento” coloca.

Isso, que parece um nó, coloca a resistência do lado do analista quando posicionado na relação dual, que reduz a função fálica a uma identificação imaginária e, cujo inevitável efeito, transforma sua prática em um exercício de poder. A orientação lacaniana indica outro caminho, ou seja, o que é escutado do que o analista diz provém do Outro da transferência, pois é “pelo que o sujeito imputa ao analista ser (ser que está alhures) que é possível uma interpretação voltar ao lugar de onde pode ter peso na distribuição das respostas”<sup>12</sup>. É porque a experiência de análise opera com a fala que se produz no lugar do Outro, instaurando o campo da linguagem, que o analista vem ocupar o lugar de depositário do desejo do Outro, lugar simbólico de onde se interroga a respeito da existência: Quem sou eu? A escuta como condição da fala desenha um lugar vazio de significação que o analista encarna com sua presença, com seu silêncio. Mesmo que fale que o seja como indica Miller: falar a partir do silêncio e guardá-lo ainda que fale, endereçando a fala a “um ser alhures”, tornando o silêncio a relação privilegiada do sujeito com o significante, e mesmo a encruzilhada entre o analista e a pulsão – aí se demarca “algo novo”, uma nova relação com o significante, cujo “horizonte desabitado do ser” bordeja o real da experiência analítica.

---

<sup>11</sup> Miller, J.-A. Silet. Os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: JZE, 2005, p. 36-7.

<sup>12</sup> Lacan, J. *Op. cit.* p. 597.

Uma teoria que inclua a falta não anda sem que essa ação do analista, a interpretação, inscreva-se como indeterminação formando o nó do ininterpretável – o umbigo do discurso, como li em algum lugar; o umbigo do sonho, que o velho Freud sacou; ou ainda como no título de um artigo de Celso Rennó: “De onde vêm os analistas? Do umbigo do sonho!”<sup>13</sup>

Da fala como pergunta que exige resposta, Lacan faz uma torção ao incluir na própria fala uma questão. Assim, ao substituir o par pergunta-resposta pelo desejo-demanda, e fazendo do desejo o próprio intérprete, o que Lacan traça é uma ex-sistência que faz com que, por exemplo, na significância do sonho o desejo se mascare. É também o que marca a incompatibilidade do desejo com a fala, na medida em que essa ex-sistência introduz uma impossibilidade na fala que busca na resposta do outro seu complemento (a própria demanda), seja absolvição ou punição. A arquitetura do conceito de desejo, como se expressa Miller, gira em torno da noção do recalque, do impossível acordo entre significante e significado. O desejo é “menos paixão pura do significado do que pura ação do significante”<sup>14</sup> e seu vetor indica o ponto de opacidade do desejo no Outro – o dedo erguido de São João de que Lacan se serve para situar a “virtude alusiva” da interpretação, daquilo que não se pode dizer, mas que não diz exatamente de um se calar, e sim de uma ética de bem dizer, de dizer de través o que se lê nas entrelinhas do desejo que escorre, derramado na metonímia da falta-a-ser. Carregando as marcas da linguagem, é por isso que Lacan diz que “o desejo só é captado na interpretação”<sup>15</sup>. O que se cala é o gozo diante do qual a fala falha, desfalece. E isso não é o mesmo que o silêncio compatível com o desejo.

Falar como experiência da falta-a-ser abre uma via para retificar os modos de gozo do sujeito, pois dizendo mais ou menos do que se quer, o que é próprio da máquina simbólica, diz-se outra coisa que se liga à questão do desejo e da verdade – dizer vai contar onde não se trata de gozar e, assim, cumprir a “condição absoluta” em que o desejo se afirma.

## 2 – O SONHO DA BELA AÇOUGUEIRA

Para tentar abordar o que isso quer dizer – condição absoluta, passo ao sonho da bela açougueira. Antes, porém, um contraponto interessante que aparece quando Lacan formula que o sonho, como metáfora, abre uma “certa passagem do sujeito ao sentido do desejo”<sup>16</sup>, enquanto o desejo como metonímia revela o “pouco de sentido”<sup>17</sup> que há em seu fundamento.

---

<sup>13</sup> Lima, C. R. “De onde vêm os analistas? Do umbigo do sonho!”. In: *Latusa*. Rio de Janeiro: EBP/RJ, n. 6, 2001.

<sup>14</sup> Lacan, J. *Op. cit.*, p. 636.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 629.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 628.



*Quero oferecer um jantar, mas só me resta um pouco de salmão defumado. Tenho a idéia de fazer compras, mas me lembro que é domingo à tarde e que todas as lojas estão fechadas. Digo a mim mesma que vou telefonar para alguns fornecedores, mas o telefone está com defeito. Assim, tenho que renunciar à minha vontade de oferecer um jantar.*

As associações que ela traz em torno do sonho:

- O marido, açougueiro, está gordo e lhe comunica que fará um regime; nesse tempo não aceitará convites para comer fora de casa.
- Um pintor quer retratar o marido e diz que nunca havia encontrado uma cabeça tão expressiva, ao que ele agradece, mas recusa, acrescentando que seria mais agradável ao pintor escolher de uma bela mulher um naco de traseiro para pintar.
- Visitara uma amiga no dia anterior – amiga de quem tem ciúmes, pois o marido a elogia muito –, que diz querer engordar, pois está muito magra. Ao se despedirem, a amiga pergunta quando será convidada para jantar em sua casa, onde sempre se come maravilhosamente. Salmão defumado é seu prato predileto.

Freud não deixa de pontuar que ao contar sobre o convite do pintor, a bela açougueira o faz em meio a gargalhadas, e prossegue contando que gosta de embromar o marido por quem está muito apaixonada. Recentemente pediu que ele nunca lhe traga caviar – faz tempo que ela quer comer caviar e sabe que o marido atenderia seu pedido. Justifica-se dizendo não se permitir o gasto que isso implica.

O primeiro sentido do sonho que Freud extrai é o de não querer engordar a amiga, já que tem ciúmes dela. Parar por aí, nos deixaria no plano da rivalidade imaginária. Também não é aí que Freud se detém, pois nos dá outra interpretação baseada na identificação histórica, pois o caviar, que no sonho é substituído pelo salmão, representa um desejo de desejo insatisfeito, que é a posição inconsciente do sujeito histórico no desejo.

Lacan escreve, então, como significante do desejo insatisfeito, o caviar como metáfora **da demanda**. E como significante do desejo do Outro, o salmão, **este o S de A barrado, o significante do desejo** ... o lugar ocupado por outra mulher, que como ele bem pontua, basta o elogio do marido para que ela lhe roube o lugar da amada. “É nessa questão que se transforma o sujeito aqui mesmo. Com o que a mulher se identifica com o homem ...”<sup>18</sup> e perde-se a trilha que a permitiria chegar ao consentimento de sua condição feminina.

Concluo com um trecho extraído de “Psicanálise e psicoterapia. Entre o joelho e a cuia”: “A psicanálise é a arte da posição. O analista [...] é aquele que, por que nada mais

---

<sup>18</sup> Idem, p. 632.

lhe resta, se situa no insensato exato lugar para que, entre o joelhoço e a cuia do chimarrão, haja espaço para o resto”<sup>19</sup>.

## Marícia Ciscato

### A DIREÇÃO DO TRATAMENTO E OS PRINCÍPIOS DE SEU PODER

Como ficamos de pensar o que seria “a interpretação do desejo” nesse momento da obra de Lacan, parti da tentativa de compreender esses dois conceitos no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, de 1958: desejo e interpretação.

Para pensar o **desejo**, não pude desatrelá-lo da necessidade e da demanda, por onde comecei. Para estudar o “trio” necessidade, demanda e desejo, recorri também a outros dois textos: *A significação do falo* (tb de 1958) e *A subversão do sujeito* (de 1960).

No nosso texto de base, a leitura da parte V, me ajudou a compreender um pouco melhor a parte II, que fala mais especificamente de nosso segundo conceito, a **interpretação**.

Isso fez com que eu preferisse fazer um caminho “inverso” no texto: iremos, assim, da abordagem do **desejo na parte V** para a **interpretação na parte II**.

#### 1) NECESSIDADE, DEMANDA E DESEJO

Começemos, então, com o “trio” necessidade, demanda e desejo.

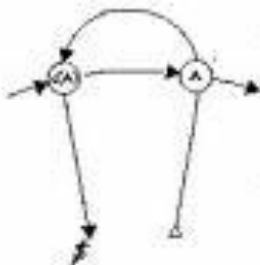
##### 1.a) Para-aquém da demanda

No texto *A significação do falo*, Lacan afirma que os efeitos da presença do significante são “os de um **desvio das necessidades do homem pelo fato de ele falar**” – ou seja, a existência da linguagem, o fato de homem necessariamente estar imerso nela, faz com que haja o que Lacan chama de “um desvio da necessidade”. Na página 634 do texto *A direção do tratamento*, parte V, no ponto 11, Lacan afirma algo similar: que a **existência do discurso exige que a necessidade passe pelos desfilamentos do significante**.

É no **Outro** (maiúsculo) que Lacan localiza o “tesouro dos significantes”. É por ele que a necessidade é “desviada”.

A **célula elementar** do grafo do desejo, apresentado em sua forma completa no texto *Subversão do sujeito...*, pode nos auxiliar a compreender melhor a relação entre necessidade, demanda e desejo.

Grafo 1 (célula elementar):



Em delta localizáramos o ponto mítico da necessidade; em A o “tesouro dos significantes”; s(A) é marcado por Lacan como o momento de uma “pontuação”, momento de constituição de uma significação. (820)

<sup>19</sup> Vieira, M. A. “Psicanálise e psicoterapia. Entre o joelhoço e a cuia”. In: *Latusa*. Rio de Janeiro: EBP/RJ, n. 6, 2001.

No vetor S e S' está a articulação da cadeia significante e, conseqüentemente, a demanda. Assim, no que a necessidade passa para o nível da fala, passa pelo Outro e envolve a **demanda**. Lacan afirma, na página 697 dos Escritos (*A significação do falo*), que “a demanda refere-se a algo distinto das satisfações porque clama. Ela é demanda de uma presença ou de uma ausência, o que a relação primordial com a mãe manifesta (...)”. **O que um bebê demanda do Outro não seria, então, a satisfação pura de suas necessidades, mas a presença desse Outro. Pedido de “prova de amor”,** como diz Lacan um pouco mais adiante, na p.698, e não de satisfação da necessidade. Daí, chegamos à famosa frase: toda demanda é demanda de amor. Nesse movimento, **algo entre necessidade e demanda não se fecha, não se encaixa, deixando um resto.**

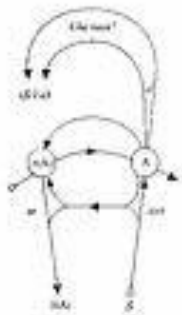
### 1.b) Para-além da demanda

**Esse algo que resta entre necessidade e demanda retornaria,** então, no “**para-além da demanda**”. Nas palavras de Lacan, p.698 (*A significação do falo*): “Há, portanto, a necessidade de que a particularidade assim abolida reapareça no para-além da demanda.” Isso que reaparece no para-além da demanda é o **desejo**.

Logo adiante ele dá a seguinte definição de desejo: “O desejo não é, portanto, nem o apetite da satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeira à segunda” (*A significação do falo*, 698). Afirmação que nos dá a fórmula:

$$N - D = d$$

Com isso, podemos compreender melhor porque Lacan afirma que **o desejo “é articulado, mas não articulável”** (*Subversão*, p.819). Para que o desejo possa existir como um resto entre N e D é necessário que a necessidade tenha passado por uma articulação com a cadeia significante, desviando-se para a demanda. **O desejo está articulado a esta cadeia produzida no Outro.** Mas, diz Lacan, que ele não é articulável, porque **o desejo é justamente aquilo que não é incorporado pela demanda e vai mais-além.** No grafo, Lacan o localiza na abertura para o segundo andar:



Como efeito da cadeia significante, o desejo, em cada sujeito, possui as marcas dessa cadeia e só pode ser acessado através dela.

### 1.c) Pontos 9 a 12 da parte V: destaques de alguns trechos

Voltemos ao nosso texto base e vamos tentar encontrar ali o que vimos até aqui. Vamos à página 633, início do ponto 9.

**Ponto 9: o desejo está para-aquém da demanda.**

“O desejo é aquilo que se manifesta **no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma,** na medida em que **o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta-a-ser** com o apelo de receber do Outro, se o Outro, lugar da fala, também é lugar dessa falta.”

É no que demanda, no que articula a cadeia significante, que o sujeito faz aparecer a falta-a-ser. Não apenas no que nele falta e que apela receber do Outro, mas também porque é no ponto de falta do Outro que isso chega. Neste sentido, se como resposta à demanda é o amor que vem, ele vem como aquilo que o Outro não tem para dar.

#### **Ponto 10: Anorexia mental**

Se nesta articulação, no entanto, o que surge não é a falta, o que o Outro não tem, mas o esforço de fazer coincidir necessidade e demanda, empanturrando, por exemplo, a criança com “a papinha sufocante daquilo que se tem”, ou seja confundindo “os cuidados com o dom do amor”, o que surge aí é a reposta da criança como anorexia. A recusa da criança surge como uma possibilidade para abrir a dimensão do desejo. Lacan nomeia aqui uma anorexia mental, a que voltaremos mais adiante, quando abordarmos o caso dos miolos frescos.

#### **Ponto 11: O desejo do homem é o desejo do Outro**

- Se o desejo é resultado da condição de fazer passar a necessidade ao nível significante;
- Se o nível significante é o do Outro enquanto linguagem; se, dessa forma, o homem é um animal presa da linguagem;
- Então: o desejo do homem pode ser entendido como o desejo do Outro, pois é no Outro, como linguagem, que sujeito e desejo se constituem. É como Outro, então, que ele deseja.

#### **Ponto 12: o desejo no para-além da demanda.**

“O desejo se produz no para-além da demanda, na medida em que, ao **articular** a vida do sujeito com suas condições, ela desbasta ali a necessidade...”. Divagação: é intrigante notar que o desejo é um retorno do que da necessidade foi desbastado pela demanda. Ou seja, de certa forma, **o desejo é o retorno do que resta da necessidade**.

Aqui no ponto 12, temos trechos lindos, que não sei se entendo muito bem: “...o desejo é o rastro inscrito do transcurso e como que a marca de ferro do significante no ombro do sujeito que fala. É menos paixão pura do significado do que pura ação do significante, que pára no momento em que o vivente, transformado em signo (**vivente transformado em signo??**), a torna significante. Esse momento de corte é assombrado pela forma de um farrapo ensangüentado: a libra de carne (**objeto a?**) paga pela vida para fazer dele (**do desejo?**), o significante dos significantes, como tal impossível de ser restituído ao corpo imaginário...” (636)

## **2) INTERPRETAÇÃO**

Com base no que vimos até aqui sobre necessidade, demanda e desejo, vamos agora retornar à parte II do texto: “Qual é o lugar da interpretação?”. Vamos acompanhar o caminho pelo qual nos leva Lacan até chegar ao caso do Homem dos Ratos, no qual nos deteremos um pouco mais.

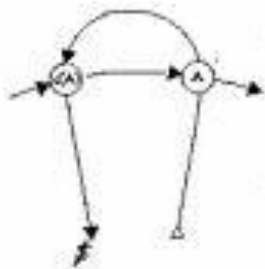
### **2.a) Dos pontos 1 a 5: destaques de alguns trechos**

1. Logo no início da parte II, Lacan enfatiza o quanto **a interpretação estava ocupando um lugar ínfimo na psicanálise** - “não porque se tenha perdido seu sentido, mas porque a abordagem desse sentido sempre atesta um **embaraço**”. É comum que a interpretação seja confundida com as mais diversas intervenções verbais. Interpretar não é explicar, gratificar, responder às demandas, confrontar...

2. Para localizar a interpretação e seus efeitos, Lacan afirma que não poderemos compreender onde age a interpretação se não admitirmos **que o sujeito está subordinado à função significante**.

Para decifrar as repetições inconscientes encontradas na história do sujeito (que Lacan chama de “a diacronia das repetições ics”), a interpretação deve introduzir, **na sincronia dos significantes**, algo que possibilite a tradução dessas repetições.

Esse algo que deve ser introduzido pela interpretação - na sincronia dos significantes - poderia ser localizado em s(A) no grafo, ponto de pontuação e significação? Um ponto de basta que pode deter o deslizamento infinito das repetições?



Sobre a **sincronia**, talvez nos ajude aqui uma breve digressão: no texto *Subversão do sujeito*, Lacan diz que a **estrutura sincrônica** é mais oculta que a diacrônica. Diz ele: "...é ela que nos leva à origem. É a metáfora que promulga "o cachorro faz miau, o gato faz au-au" com a qual a criança, **desvinculando a coisa de seu grito, eleva o signo à função de significante e eleva a realidade à sofística da significação**" (*Subversão do sujeito*, 820).

Como podemos entender isso? No mundo animal, onde há signos, um cachorro não faz miau. Se uma criança pode dizer que "o cachorro faz miau" é porque não se trata mais de signos, mas de significantes. Quando o signo é elevado à função de significante, algo acontece também no nível da coisa, da realidade: ela converte-se em um sofisma (acho que é isso que Lacan chama de "sofística da significação"), que é um argumento que tensiona o falso e o verdadeiro.

Sobre isso, Lacan afirma que o lugar de A não é marcado pelo código, onde há correspondência entre um signo e alguma coisa (820), mas pelos significantes.

Ou seja, é com a **estrutura sincrônica** que passamos do nível do signo ao do significante, passamos para a construção de nossas histórias, que comportam nossas verdades e mentiras.

**É nesse nível que Lacan diz que a interpretação deve incidir** (provavelmente para marcar que estamos trabalhando com as articulações significantes do paciente e não no nível da "coisa"). Voltemos ao nosso texto base. Vamos ao terceiro ponto da parte II.

3. Ao **inscrever efeitos do significante no significado**, a interpretação pode **produzir algo novo**. Para que a interpretação produza algo novo, ela precisa se fundamentar **no fato de o inconsciente ter a estrutura "radical" da linguagem** – entendo radical aqui mais no sentido de "raiz", origem, do que de "extremo". Ou seja, o inconsciente se constitui nas mesmas leis que fundamentam a linguagem. Também ele funciona segundo essas leis (metáfora e metonímia?). Situando o desejo na linguagem, Lacan "seca" o desejo de significado e evidencia sua função radical, sua função estrutural, norteador o trabalho analítico pelo desejo e nunca pela tentativa de satisfação da demanda. Mas é preciso passarmos da lógica universal do desejo para pensar como ele é articulado particularmente por cada sujeito. Para tanto, é preciso que o sujeito fale, **conte sua história**. Os trechos clínicos destacados por Lacan são imprescindíveis para sairmos desse universal do desejo e capturarmos algo de sua particularidade.

5. As dificuldades dos analistas com a interpretação são, segundo Lacan, efeitos de suas paixões: de seu **receio da ignorância**, de sua **predileção em não decepcionar** e de sua **necessidade de ficar por cima**. Trata-se de sentimentos conseqüentes a uma relação dual, caso o terapeuta não a supere.

## **2.b) Dos pontos 6 a 8: o processo de análise freudiano e o exemplo do caso do Homem dos Ratos**

6. Nessa perspectiva dual, "a **transferência torna-se a segurança do analista e a relação com o real, o terreno em que se decide o combate**". A interpretação é adiada até a consolidação da transferência e fica reduzida unicamente ao trabalho transferencial do paciente. (602) Essa

“relação com o real” fica meio obscura aqui, mas é um ponto que Lacan irá retomar daqui até o final da parte II, acusando alguns analistas de inverterem o momento onde ela deveria ser trabalhada.

7. Parece que se criticou o procedimento de Freud no caso do Homem dos Ratos. Lacan pergunta se o motivo dessa crítica não seria pelo fato de **Freud proceder em uma ordem inversa a essa doutrinação prévia** (de que a interpretação deve ser adiada até a consolidação da transferência e, a partir daí, a relação com o real ser o terreno para se trabalhar). Diz Lacan que Freud **“começa por introduzir** o paciente numa **primeira localização de sua posição no real**, mesmo que este acarrete uma precipitação dos sintomas”. A nota ao final dessa frase no remete ao texto de Freud sobre o caso do Homem dos Ratos, principalmente às partes 1.d, 1.f e 1.g.

“Introduzir o paciente numa primeira localização de sua posição no real” seria introduzir o paciente em sua parte naquilo de que se queixa. Segundo Lacan, não se trata de mostrar à realidade ao paciente, mas de “lhe mostrar que ele está mais do que bem adaptado nela, uma vez que concorre para sua fabricação” (602). Lacan adverte: mesmo que isso provoque uma certa “piora” inicial dos sintomas.

Vemos que Lacan introduz aqui um processo lógico freudiano na direção do tratamento:

Primeiro momento: retificação das relações do sujeito com o real /ou localização do sujeito em sua posição no real

Segundo momento: desenvolvimento da transferência

Terceiro momento: interpretação

Colocamos, então, uma questão: Não podemos dizer que a retificação é também uma interpretação, uma vez que ela também visa incluir o sujeito em seu discurso e provocar um estranhamento que abra para ele uma nova dimensão, a do desejo? Voltaremos a isso mais adiante.

Lacan destaca que a interpretação em Freud é tão **audaciosa** que, por havê-la vulgarizado, perdemos de vista o caráter quase de **“adivinhação”** que ela possui (603). Ou seja, não é de um lugar supostamente seguro que Freud a faz, não é apenas a partir da “segurança da transferência” que ela se dá. Mas tampouco é baseada em qualquer outra coisa que não nos ditos do paciente.

Lacan nos lembra aqui que a interpretação em Freud vem denunciar uma tendência do paciente (aquilo a que se chama *Trieb*) e o que essa tendência implica em si de um advento do significativo (603). Interessante destacar essa articulação entre *Trieb* e significativo, pq sem essa articulação não haveria como a interpretação incidir sobre os modos de gozo do sujeito. No caso do Homem dos Ratos, em determinada altura do tratamento, o paciente conta sobre um cortejo que o pai fizera a uma jovem pobre antes de se casar com sua mãe – casamento que o forneceu a seu pai uma bela posição profissional (ele passou a trabalhar na empresa da família da esposa). Conta, em seguida, sobre um “plano” feito por sua mãe, após a morte de seu pai, de fazê-lo se casar com uma de suas parentes rica (Freud, p.174), o que o obrigaria a abandonar sua dama amada. Segundo Freud, o paciente resolveu esse conflito, “entre seu amor e a persistente influência dos desejos de seu pai, ficando doente; caindo doente evitava a tarefa de resolvê-lo na vida real.” (Freud, p.174).

É aí que Freud reencontra, segundo Lacan, a mistura de elementos que compõem o roteiro compulsivo do paciente, roteiro que motiva “os impasses onde se desgarram sua vida moral e seu desejo” (603).

O acesso a esse material só foi aberto por uma **interpretação** em que Freud **“presumiu** uma interdição que o pai do Homem dos Ratos teria imposto com relação à legitimação do amor sublime” ao qual o paciente se devotou (603).

Acredito que, aqui, Lacan está equivalendo retificação à interpretação. Ele também o faz ao final da parte II afirmando que: “a retificação em Freud é dialética e parte dos dizeres do

sujeito para voltar a eles, o que significa que uma interpretação só pode ser exata se for... uma interpretação". (607)

Provavelmente Lacan destaca a retificação nesse início do processo analítico por ela ser realizada antes da consolidação da transferência. A retificação aqui estaria marcada pela insistência de Freud em situar o sujeito em relação ao lugar em que colocava seu pai: o de ser uma interferência ao sucesso de sua vida amorosa/ao gozo sexual, o que lhe provocaria ódio pelo pai e, por vezes, desejo de que morresse.

Freud insiste em abrir para o paciente uma dimensão para além da já conhecida amizade que tinha com o pai. A retificação/interpretação insere uma outra cena para além da já conscientemente conhecida.

Interpretação: Freud afirma que o paciente, mesmo amando tanto seu pai, desejava a morte dele

nova dimensão:                   ----- ódio pelo pai -----

desejo

dimensão já conhecida:       ----- amor pelo pai -----

Vemos que dois níveis se abrem: o primeiro que traria o que já estava articulado no discurso do paciente, algo como "amo meu pai", e um segundo nível, criado a partir do encontro com o analista, que introduz algo sobre o que estaria articulado, mas não era evidente para o paciente: "quero que meu pai morra".

Essa outra cena que se abre precisa ser pensada com cuidado, para não correremos o risco de alienar o sujeito aí. Não se trata, no desejo, da descoberta do que seria o *verdadeiro* sentimento do Homem dos Ratos com relação ao seu pai. Ou de encontrar enfim o que ele realmente queria, a morte de seu pai, no que reduziríamos o desejo a mais uma demanda. É preciso lembrar que o desejo é aquilo que se localiza apenas por alusão, deslizando na cadeia. É o que há de negativo, muito mais próximo do silêncio do que o que se pode positiva na fala. O desejo está entre as duas linhas do grafo, entre o ódio e o amor ao pai.

Para Lacan, essa interpretação de Freud, com caráter de "adivinhação, foi "inexata, mas verdadeira". Como pensar esse *inexata*? Talvez no sentido de que foi a mãe do Homem dos Ratos quem acordou o tal casamento conveniente com os familiares, foi ela quem montou a cena com uma outra mulher a ameaçar as pretensões dele com sua antiga amada. No nível da realidade, seria ela a fazer obstáculo às pretensões matrimoniais/amorosas do Homem dos Ratos, pois o pai, a essa altura, já estava morto há tempos.

Mas a interpretação é *verdadeira* porque, ao mesmo tempo, era verdade que, para o Homem dos Ratos, o obstáculo real era seu pai. Estamos aqui no nível do sofisma do qual falamos anteriormente, na tensão entre verdade e mentira, que se inaugura quando passamos do nível do signo ao do significante, da coisa à ficção.

Lacan indica que Freud **introduz aqui a função do Outro na neurose obsessiva** – demonstrando que essa função, na neurose obsessiva, permite ser sustentada por um **morto**, um "Pai absoluto".

8. Lacan não considera o caso do Homem dos Ratos um sucesso – crê que a análise tem a ver com o fato de ele ter morrido no campo de batalha. No entanto, serve-se dele para falar da interpretação, pois encontra aí o que o **processo que vai da retificação das relações do sujeito com o real, ao desenvolvimento da transferência e, depois, à interpretação.**

Segundo Lacan, na página 604, é nesse **processo** que se "situa o horizonte em que a Freud se revelaram as descobertas fundamentais que até hoje experimentamos, no tocante à dinâmica

e à estrutura da neurose obsessiva. Nada mais, porém nada menos. Coloca-se agora a questão de saber se não foi por ter invertido essa ordem que perdemos o horizonte.”

O que fica “fora de ordem” nesse processo indicado por Lacan é o que ele chama de “retificação da relação do sujeito com o real”. Nos exemplos de Freud, Lacan aponta que a retificação subjetiva veio em um primeiro momento, com essa interpretação de Freud que possuía caráter de adivinhação e que ressitua o sujeito em seus dizeres e queixas.

### **2.c) Ponto 9: a crítica a uma inversão nesse processo e o exemplo do caso dos Miolos Frescos**

9. O exemplo do caso dos Miolos Frescos é retomado por Lacan para indicar uma confusão nos termos quando analista tentaram abrir novas vias, principalmente no que diz respeito à interpretação.

O drama subjetivo do paciente em questão é resumido por Lacan como um “impulso de plagiar do qual ele não é capaz de assenhorear-se”.

O paciente diz a Kris que se deu conta de que havia “colhido” as idéias, a despeito de si mesmo, que iria incluir num livro que acabara de concluir. Deu-se conta disso antes da finalização do livro e pôde então retirá-las.

Kris examinou as provas e concluiu que nada naquelas idéias ultrapassava o que já estava posto no meio do campo de pesquisa. “Em suma, havendo se certificado de que o paciente não é plagiário, embora acredite sê-lo, Kris tenciona demonstrar-lhe que ele quer sê-lo para se impedir de sê-lo realmente – o que se chama **analisar a defesa antes da pulsão**” – pulsão que aqui se evidencia na atração pelas idéias dos outros (605).

Não entendo o que quer dizer isso: analisar a defesa antes da pulsão...

Lacan diz ser errônea a intervenção feita pro Kris. Analisar a defesa antes da pulsão significa **supor que defesa e pulsão são concêntricas**, que tendem para um ponto comum e que são moldadas uma pela outra. O que prova que essa intervenção é errada é o que vem depois: o relato do paciente de que há algum tempo, ao sair das sessões, vagueia por restaurantes cobiçando o prato de miolos frescos (acting out).

Para Lacan, o que importa não é o fato de o paciente não roubar, mas o fato de o paciente **roubar nada**. “Era isso que era preciso fazê-lo ouvir”. O paciente se apresenta em sua fantasia de comestível, “anorexia mental”, diz Lacan. No ponto 10 da parte V, como vimos, Lacan faz uso desse termo “**anorexia mental**”: a recusa como a busca de abrir caminho para o desejo. Ao final, Lacan reafirma sua crítica: nada em comum entre o modo de proceder de Kris e o modo de proceder de Freud, que toma partida na interpretação denominada por Lacan de “retificação subjetiva”, partindo dos dizeres do paciente para retornar a eles.

### **Referências bibliográficas:**

EIDELSZTEIN, A. *El grafo del deseo*. Buenos Aires: Manantial, 1993.

FREUD, S. “Notas sobre um caso de neurose obsessiva” (o caso do Homem dos Ratos). Em: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. X.

LACAN, J. “Função e Campo da fala e da linguagem”. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. “Subversão do sujeito e dialética do desejo”. Em: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MILLER, J.-A. *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

SLOVO, T. “Introduzindo o sintoma”. Em: *Opção Online*, <http://www.opcaolacanianana.com.br/n1/textoc.asp>

VIEIRA, M. *A ética da paixão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,



## Flávia Brasil

### Apontamentos sobre a interpretação no texto “Posição do Inconsciente” (1960-1964)

#### Contexto

Esse texto refere-se ao Congresso de Bonneval cujo tema daquele ano (1960) era o inconsciente freudiano. Esse congresso fez parte de uma série deles, todos organizados por Henry Ey, psiquiatra importante da época. Lacan foi um dos participantes juntamente com seus alunos, S. Leclaire e J. Laplanche, que publicaram textos referentes a este colóquio sobre o inconsciente na “Revue Temps Modernes”. Alguns anos mais tarde (1964), Henry Ey pretendia publicar um livro sobre esse Congresso e propõe a Lacan escrever um artigo sobre seus apontamentos nesta época. Lacan retoma o que havia proferido, mas a partir das mais recentes teorizações, pois 1964 foi o ano em que Lacan foi excomungado da IPA, conduzia seu 11º Seminário e inventava o objeto *a* a partir do olhar.

#### Inconsciente

Lacan abre o texto com duas colocações sobre o inconsciente, que são segundo ele essenciais da experiência freudiana:

1. O inconsciente é um conceito forjado no rastro daquilo que opera para constituir o **sujeito**.

(o inconsciente se constitui junto com o sujeito?)

(o inconsciente é fruto da divisão do sujeito/da constituição do sujeito?)

2. O inconsciente *não* é uma espécie que defina na realidade psíquica o círculo daquilo que não tem o atributo (ou a virtude) da consciência.

(inconsciente não é o **não-consciente**)

A partir da segunda colocação Lacan vai pontuando algumas concepções do inconsciente que não correspondem ao conceito de inconsciente freudiano. É a partir do que o inconsciente não é que Lacan se aproxima do que é o inconsciente em Freud e então chegamos à primeira colocação.

Lacan então parte do que situa como “nossa doutrina do inconsciente no dia de hoje” (848), que diz o seguinte: “os psicanalistas fazem parte do conceito de inconsciente, posto que constituem seu destinatário. Por conseguinte, não podemos deixar de incluir nosso discurso sobre o inconsciente na própria tese que o enuncia, a de que a presença do inconsciente, por se situar no lugar do Outro, deve ser buscada, em todo discurso, em sua **enunciação**.”

Se o inconsciente é a “Outra cena”, sua presença implica no que está para além do enunciado, ou seja, na enunciação. Teríamos a diferença entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação – algo no dito que evoque a **Outra cena** (sonho caso Freud em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”, trabalhado por Lacan em 1958).

#### Interpretação

Como pensar a interpretação a partir disso?

Como vimos em “Direção da cura”, a resposta está na pergunta. O analista enquanto destinatário do inconsciente faz parte dele. Por isso não podemos dizer que o inconsciente é individual, pois precisa de alguém que acolha seus efeitos. *É na medida em que o analista aponta, intervém demarcando o sujeito da enunciação, que se dá a interpretação revelando a enunciação presente no enunciado e fazendo “existir” nesse ato o inconsciente.*

Mais à frente no texto Lacan dirá que é na enunciação, pg.849, que se atualizam os efeitos de metáfora e de metonímia, ou seja, os mecanismos do **inconsciente**, segundo Freud. E se pergunta: serão estes efeitos do inconsciente, efeitos de linguagem ou efeitos de fala?

No seminário 11 Lacan dirá: “O inconsciente é a soma dos efeitos da fala sobre um sujeito, naquele nível em que o sujeito se constitui dos efeitos de significante”. (pg. 122)

Essa frase me fez pensar na seguinte esquematização:

**Efeitos da fala=por onde se manifesta o inconsciente**

**Efeitos de significante/linguagem=por onde se constitui o sujeito**

### Causa

Vejamos como Lacan prossegue no texto “Posição”:

“O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua **causa** é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta.”

Então é a inscrição significante que causa o sujeito, que não passa de efeito de linguagem. Isso é o que podemos entender como a primazia do significante sobre o sujeito e o que podemos constatar com o parágrafo a seguir.

A causa introduzida no sujeito é diferente da causa do sujeito. Pequena nuance que prepara o lugar do objeto causa.

### Alienação

A partir daí apresenta o par alienação e separação: “Com o sujeito, portanto, não se fala. Isso fala dele, e é aí que ele se apreende, e tão mais forçosamente quanto, antes de desaparecer como sujeito sob o significante em que se transforma, ele não é absolutamente nada. Mas esse nada se sustenta por seu advento, produzido agora pelo apelo, feito no Outro, ao segundo significante.”

“Efeito de linguagem, por nascer dessa fenda original, o sujeito traduz uma sincronia significante nessa pulsação temporal primordial que é o **fading constitutivo de sua identificação**. Esse é o primeiro movimento.” (sincronia significante funda o desejo)

Pensei na inscrição do S1 como a causa dessa fenda, o **corte** significante. A partir desta primeira inscrição, pelo próprio movimento metonímico da cadeia significante (sincronia significante), haveria a inscrição do S2 provocando um apagamento do S1 e conseqüentemente a cristalização na identificação ao S2. Esse primeiro movimento é o da alienação, que será abordada mais a frente nesse mesmo texto.

A pulsação temporal seria o quê? Esse movimento da cadeia? Onde se cruzam inconsciente e pulsação?

No seminário 11, pg 207, encontramos uma frase muito elucidativa quanto à localização do significante na alienação, que diz o seguinte:

“Podemos localizá-lo (...) nesse primeiro acasalamento significativo que nos permite conceber que o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a *afânise* do sujeito. Donde, **divisão** do sujeito – quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading* como desaparecimento.”

### Separação

Voltando ao “Posição”, Lacan descreve o segundo movimento:

“Mas, no segundo, havendo o desejo feito seu leito no corte significativo em que se efetua a metonímia, a diacronia (chamada história) que se inscreveu no *fading* retorna à espécie de **fixidez** que Freud atribui ao voto inconsciente.” (diacronia fixa o desejo)

O desejo que tem seu leito no corte significativo me remeteu às facilitações de Freud no Projeto. As facilitações são como caminhos, entre os neurônios e as imagens mnêmicas, feitos pela descarga da energia que se acumulou no aparelho psíquico no momento da famosa “experiência de satisfação”. Ele diz que a cada reaparecimento do desejo ou “estado de urgência” essas imagens são reinvestidas.

Então, pode-se dizer que o segundo movimento é o do próprio desejo que impele a novas inscrições significantes e novos efeitos de *fading*. A história segue esses caminhos delineados pelo corte significativo e sua conseqüente cristalização que fixam o desejo.

Esse segundo movimento seria o da separação, que Lacan também vai retomar nesse texto.

Vamos às formulações sobre alienação e separação presentes a partir da página 854. Lacan falava da particularidade do inconsciente, cujo movimento de fechamento e entrada separam dois campos, respectivamente, o sujeito e o Outro. Postula que entre eles o **inconsciente é seu corte em ato**, sendo esse corte que comanda as duas operações fundamentais em que convém formular a causação do sujeito. A alienação e a separação.

Como vimos anteriormente, a alienação, que é própria do sujeito, é em relação ao significante. A operação de divisão originária do sujeito se inicia no Outro, a partir da produção do significante que toma o lugar de causa significativa para o sujeito. Como conseqüência dessa divisão, que se inicia no Outro, há uma cristalização do sujeito.

Lacan adverte, pg.855, que “não é o fato de essa operação se iniciar no Outro que a faz qualificar de alienação. Que o Outro seja para o sujeito o lugar de sua causa significativa só faz explicar, aqui, a razão por que nenhum sujeito é causa de si mesmo.” (...) “A alienação reside na **divisão** do sujeito que acabamos de designar em sua **causa**”.

É isso? a alienação não é ao Outro, mas ao significante que ao se inscrever gera a cisão que causa o sujeito.

Vel

A estrutura da alienação é a de um *vel*, uma reunião, que impõe uma escolha entre seus termos que implica na eliminação de um deles. Lacan alerta que o que resta fica, de qualquer modo, desfalcado.

O *vel* e essa reunião dos dois significantes? De onde vem esse termo, *vel*?

No seminário 11, pg. 199, Lacan diz que existem três usos do *vel*, do *ou*:

1. *vel* exaustivo(exclusivo): ou um ou outro, escolhe-se um e perde-se o outro.
2. *vel* inclusivo: um ou outro dá na mesma, não faz diferença.
3. *vel* da alienação ou reunião: qualquer que seja a escolha, há por consequência um nem um, nem outro. É que esse *vel* só se suporta pela forma lógica da reunião, não é uma adição. Ex. da reunião de dois conjuntos, cada qual com cinco objetos. Adicioná-los faria dez, mas se há dois que podem pertencer aos dois, reuni-los faz oito objetos. No exemplo da “bolsa ou a vida”: se escolho a bolsa perco as duas, se escolho a vida a tenho sem a bolsa, uma vida decepada.

Voltando ao “Posição”, Lacan diz:

“Nosso sujeito é colocado no *vel* de um sentido a ser recebido ou da petrificação. Mas, se ele preserva o sentido, é esse campo (do sentido) que será mordido pelo não-sentido que se produz por sua mudança em significante. E é justamente do campo do Outro que provém esse **não-sentido**, apesar de produzido como eclipse do sujeito.”

A inscrição de um novo significante ao mesmo tempo em que dá um novo sentido, também promove um apagamento, um “efeito afanístico”, introduzindo o não-senso. Pode-se pensar o não-sentido vindo do campo do Outro a partir do aforismo: “um significante é o que representa um sujeito para outro significante”, quer dizer, um significante nunca vai representar um sujeito e no que outro significante se introduz, perde-se o sentido do primeiro o que impele a nova busca de sentido.

Portanto, a alienação faz com que o sujeito só apareça na divisão, se de um lado ele aparece como sentido, do outro aparece como *fading*, ou seja, surge sempre decepado. Essa **amputação** é o que Lacan chama de fator letal no seminário 11, dizendo que isso é essencial no *vel* alientante, como veremos a seguir. Podemos pensar no **objeto a**, que ele irá tratar na separação?

Segundo Lacan, pg 856, esse é o campo do inconsciente que se assenta no lugar do analista que, por sua vez, tem que estar alerta de que o inconsciente só tem sentido no campo do Outro e de que, decorre daí o fato de que o que visa a interpretação não é o efeito de sentido, mas “a articulação, no sintoma, dos significantes (sem nenhum sentido) aprisionados nele.”

### Retorno à interpretação

A interpretação não visa o sentido porque como vimos esse é um processo infundável, já a redução dos significantes ao seu não-senso possibilitaria a busca dos determinantes do sujeito. Pensei numa operação que vai à direção inversa à cadeia significante, ao invés da direção que leva ao sentido que promove a *afânise*, iríamos à direção do que se apagou, ou melhor, do S1.

## **Adriano Aguiar**

### O desejo do analista

“Se o amor é dar o que não se tem, é verdade que o sujeito possa esperar que isso lhe seja dado, uma vez que o psicanalista nada mais tem a lhe dar. Mas nem mesmo esse nada ele lhe dá, e é bom que seja assim: e é por isso que se paga a ele por esse nada, e generosamente, de preferência, para deixar bem claro que de outro modo isso não valeria grande coisa. (...) o analista no entanto dá sua presença, mas creio que a princípio ela é apenas implicação de sua escuta, e que esta é apenas condição da fala” (Direção do Tratamento, pg. 624)

Lacan desde o princípio de “Direção do Tratamento” critica a psicanálise da época, na medida em que esta teria sido reduzida a uma técnica quase pedagógica: “reeducação emocional do paciente” (pg. 591). Assim, os analistas posfreudianos, desbussolados quanto aos princípios norteadores da prática freudiana, teriam reduzido sua práxis ao exercício de um poder (de sugestão, na melhor das hipóteses).

Lacan denuncia assim os desvios na posição do analista e o lugar ínfimo e mal articulado que interpretação ocupava na psicanálise de então. Ao analisar a interpretação freudiana na análise do “Homem dos Ratos”, Lacan mostra o quanto esta não concerne ao Eu do sujeito, nem a uma espécie de relação dual, que caracterizava a interpretação e o modelo da posição do analista em voga entre os annafreudianos, a ponto de Lacan apontar ser este o motivo do uso do Divã por Freud, e não a conhecida idéia de que Freud se incomodava em ser olhado o dia todo: “a partir desse momento, não é mais àquele a quem mantinha em sua proximidade que ele se dirigiu, e foi por essa razão que lhe recusou o face a face.” (pg. 603)

Tendo então abordado a interpretação, na segunda parte do texto, e a transferência na terceira parte, Lacan irá, na quarta parte que se chama “Como agir com seu ser”, teorizar mais diretamente sobre a posição do analista, e introduzirá aí a noção de Desejo do Analista. Tendo recusado a idéia de interpretação como explicação, compreensão, e a noção de relação dual para caracterizar a posição do analista, Lacan afirma que seria necessário então formular uma ética para a psicanálise que integre as conquistas freudianas sobre o desejo, colocando em seu vértice a questão do desejo do analista. (pg 621).

Lacan vai dizer, nessa parte, que a questão do ser do analista apareceu desde cedo na história da psicanálise, inicialmente com Ferenczi, mas depois, com a escola inglesa essa questão teria sido melhor articulada, na medida em que esta soube, segundo Lacan, “distinguir da relação interhumana, de seu calor e seus engodos, a relação com o Outro, onde o ser encontra seu status”. No entanto, me parece que Lacan aponta, que a forma que esta questão tomou na escola Inglesa levou à definição do final da análise através da identificação do sujeito com o analista. Segundo Lacan isto acontece porque “a dialética dos objetos fantasísticos promovida na prática por Melanie Klein tende a se traduzir, na teoria, em termos de

identificação.” Pergunto eu: estaria já aí um vestígio da concepção posterior de Lacan em que o analista ocupa a posição do objeto e não do Outro? É mesmo só uma questão...

O que ele vai desenvolver sobre o desejo do analista, muito indiretamente, vem depois, ao dizer que a associação livre não é nada livre e que o analista com sua presença, ao não responder à demanda, faz com que todo o passado se entreabra, fazendo aparecer os significantes fundamentais da história do sujeito. A citação acima me pareceu a mais esclarecedora sobre o que ele está querendo dizer, nesse momento, com a expressão “desejo do analista”.

Andréa Vilanova  
Subtração

"A palavra, com efeito, é um dom de linguagem e a linguagem não é imaterial. Ela é sutil, mas é corpo."

Lacan já em "Função e Campo" nos apresenta as coordenadas fundamentais do lugar dado ao corpo na prática psicanalítica. Como corpo imaterial a linguagem faz corpo através da incorporação significativa que, na mesma medida em que cadaveriza, negativiza a carne, vivifica o corpo erógeno, o corpo do ser falante, instrumento de gozo. Trata-se, portanto, de uma operação de subtração que evidencia a presença de um corpo em desvio, avesso a uma redução biológico-funcional. Desta operação de escritura, traçado do significante sobre a superfície corporal, depreende-se a gramática pulsional, num trilhamento onde a dialética do sujeito com o campo do Outro se decanta. Ainda em 1953, Lacan afirma que a análise consiste em jogar com as múltiplas entradas que a palavra encontra nos registros da linguagem e, ainda, que o que faz na palavra o papel de ressonância é o fato de a palavra veicular a função de evocar e não informar. A palavra veicula o próprio sujeito, nos ensina a psicanálise. E, enquanto um produto epistêmico, este sujeito não vem sem sua única consistência, o corpo, ainda que se trate de tomá-lo como algo que não se é e não se tem, restando ao ser falante adorá-lo, apenas crer que o tem. (Lacan Sem 23)

Lacan, em Radiofonia, afirma que usamos a linguagem de um modo que vai mais longe do que é efetivamente dito. O que interessa à psicanálise não está somente na ordem do sentido, mas toca o campo semântico que se constitui em torno da falha, do furo. Um modo de tomar a articulação entre corpo e linguagem é tomar o real como aquilo que faz acordo entre eles. Disto que se subtrai como efeito da própria sobredeterminação languageira, depreende-se a própria causa que põe em função a vida da palavra, apoiada no corpo. Como única consistência, que escape a todo instante, o corpo constitui a forma mais desprovida de sentido, uma superfície marcada pelos orifícios corporais em consonância com os furos do discurso (Sem 23).

A subtração é uma marca fundamental que faz operar o silêncio habitado pela presença do analista, um silêncio que dá lugar ao mais singular que se engendra neste jogo entre corpo e

linguagem. Talvez aí possamos situar uma direção para a perspectiva da lógica da interpretação, a partir da orientação lacaniana.